

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Flávio Teixeira da Cunha

**A EMERGÊNCIA DA TRADIÇÃO DO *YOGA* EM FLORIANÓPOLIS NA DÉCADA  
DE 1970**

Monografia submetida ao Curso de História –  
Habilitação: Licenciatura e Bacharelado, do  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Federal de Santa Catarina, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciado e Bacharel em História.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Renata Palandri Sigolo  
Sell

Florianópolis  
2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA TCC

Aos oito dias do mês de Dezembro do ano dois mil e onze, às 10:00 horas, no Laboratório de História Saúde e Sociedade do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos Professores Renata Palandri Sigolo Sell, Orientadora e Presidente da Sessão, Liane Maria Nagel, membro da Banca, e Cristiane Ker de Melo, suplente, designados pela Portaria nº44/HST/011 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Flávio Teixeira da Cunha, subordinado ao título: **A emergência da tradição do yoga em Florianópolis de 1970**. Aberta a sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro de tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e em seguida prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Renata Palandri Sigolo Sell, a nota <sup>9,5</sup>~~10,0~~, da Professora Liane Maria Nagel, a nota <sup>9,5</sup>~~10,0~~, e da Professora Cristiane Ker de Melo, a nota <sup>9,5</sup>~~10,0~~ sendo aprovado com a nota final <sup>9,5</sup>~~10,0~~ o acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva ao Departamento de História até o dia 20 de Dezembro de 2011. Nada mais havendo a tratar, a presente ata, será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 08 de Dezembro de 2011.

Banca Examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Palandri Sigolo Sell.....

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liane Maria Nagel.....

Prof.<sup>a</sup> Cristiane Ker de Melo.....

Candidato: Flávio Teixeira da Cunha.....

## **AGRADECIMENTOS**

Os meus mais sinceros agradecimentos às pessoas que gentilmente deram seus depoimentos, contribuindo não só para o enriquecimento deste trabalho, mas, principalmente, para o fortalecimento da narrativa como forma de construção e organização do discurso, recurso tão caro à História Oral.

Camila Reitz Felipe

Cláudio de Menezes (Cacau)

Elaine Wolter

Joris de Oliveira Marengo (Jojó)

José Luiz Lueneberg (Ito)

Pedro Luiz do Rego Monteiro de Castro (Pedroca)

Luiz Philippe Schmidt de Arruda

Marilde Rodrigues

Nildo José Martins

Paula Bragaglia

Sandra Meyer Nunes

Valter José da Luz

Walnélia Corrêa Pederneiras

A Rafael Costa Marrone, pela amizade e parceria ao longo de toda a graduação.

À Hanna Betina Gotz, pela gentileza e disponibilidade para fazer as traduções.

Agradeço também à Renata Palandri Sigolo Sell, pela orientação e pela dica para a escolha do tema.

E, finalmente, à Neci e à Laura, pela compreensão, paciência e apoio.

असतो मा सद्गमय  
तमसो मा ज्योतिर्गमय  
मृत्योर् मा अमृतं गमय  
ॐ शान्ति शान्ति शान्ति

*Asato Ma Sat Gamaya  
Tamaso Ma Jyotir Gamaya  
Mrityor Ma Amritam Gamaya  
Om Shanti Shanti Shanti*

Do irreal, guie-me ao real  
Das trevas, guie-me à luz  
Da morte, guie-me à imortalidade.

Om, paz, paz, paz.

(Brihadâraṇyaka Upanishad 1.3.28)

## RESUMO

O *Yoga* é uma prática milenar que emergiu com a civilização védica da região do Indu-Saraswatî, na Índia, por volta de 5.000 a.C. Seus ensinamentos foram transmitidos de forma oral por milênios através dos *Vedas*, até serem compilados por Patanjali no *Yoga-Sûtra* e serem, a partir de então, amplamente difundidos. No final dos anos 1960, o inconformismo dos movimentos de contracultura iniciados nos Estados Unidos, levou à busca de novas formas de vivência, de autoconhecimento, de espiritualidade, que aproximaram Oriente e Ocidente. Entretanto, esse estranhamento com o outro provocou uma certa readaptação dessa realidade aos moldes ocidentais, onde várias tradições do *Yoga* acabaram por sofrer ajustamentos para atender às necessidades desse novo público. No Brasil, o *Yoga* também teve penetração através desses movimentos de contracultura e Nova Era, entre o final da década de 1960 e início da década de 1970, porém em um contexto um pouco diferente. Em Florianópolis esses movimentos tiveram uma emergência um pouco mais tardia, entre meados da década de 1970 e no decorrer dos anos 1980.

O presente estudo tem como objetivo analisar o contexto em que apareceu e se desenvolveu a prática de *Yoga* em Florianópolis, procurando investigar por onde o *Yoga* teve penetração na capital catarinense, bem como detectar quando surgiram os primeiros professores e os primeiros grupos de praticantes. Além disso, pretendo analisar se esses grupos tinham alguma relação com os movimentos de Contracultura e Nova Era.

**Palavras-chave:** *Yoga*, Índia, contracultura, espiritualidade.

## ABSTRACT

*Yoga* is an ancient practice that emerged with the Vedic civilization of the Indus-Saraswatî region, India, around the 5000 B.C. Its teachings were passed down orally for millennia through the *Vedas*, until they were compiled by Patanjali in the *Yoga-Sûtra* and widely disseminated from then on. In the late 1960s, the non-conformism of the counterculture movements started in the United States of America, led to the search for new ways of living, self-knowledge, spirituality, which brought the East and the West closer together. However, the strangeness resulting from this encounter with one another, led to a re-adaptation of this reality to the Western model, where various traditions of *Yoga* suffered adjustments to meet the needs of this new audience. In Brazil, *Yoga* also penetrated through these counterculture and New Age movements, between the late 1960s and early 1970s, but in a slightly different context. In Florianopolis these movements emerged a little later, between the mid-1970s and during the 1980s.

This study aims to analyze the context in which the *Yoga* practice appeared and developed in Florianopolis, trying to establish how *Yoga* made its way into the capital of this State and find out how the first *Yoga* instructors and students got organized. An additional objective of this study is to determine whether there is a relation between the emergence of *Yoga* the movements of Counterculture and New Era.

**Keywords:** *Yoga*, India, counterculture, spirituality.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Mapa da Índia Védica.....	17
Ilustração 2 – Selo de Pashupati.....	18
Ilustração 3 – Palho'stock.....	39
Ilustração 4 – Charge sobre o festival de surf na Praia da Joaquina.....	42
Ilustração 5 – Sandra Meyer praticando <i>Yoga</i> na Praia da Joaquina.....	48

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I – Dos rituais védicos, ao psicodelismo <i>hippie</i> e aos dias atuais.....</b>	<b>16</b>
1.1 Uma breve história do <i>Yoga</i> .....	17
1.2 A aproximação do Oriente pelos movimentos de contracultura.....	20
1.3 Os valores contestatórios dos <i>hippies</i> .....	22
1.4 A relação da prática de <i>Yoga</i> com os movimentos de contracultura.....	24
1.5 A readaptação e ressignificação do <i>Yoga</i> aos moldes ocidentais.....	26
<b>CAPÍTULO II – O <i>Yoga</i> no cenário nacional: de Rezende a Florianópolis.....</b>	<b>32</b>
2.1 O contexto florianopolitano na década de 1970.....	34
2.2 A emergência do <i>Yoga</i> em Florianópolis.....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>53</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>55</b>
<b>GLOSSÁRIO.....</b>	<b>57</b>



## INTRODUÇÃO

Muito já se falou, muito já se escreveu e ainda continua sendo falado e escrito sobre o *Yoga* no Ocidente e as adaptações e transformações que teriam ocorrido nesta prática milenar para que ela pudesse ser aceita e incorporada ao estilo de vida ocidental. Não tenho a pretensão aqui de tentar esgotar este tema, primeiramente, por não dispor de todo o conhecimento necessário para tanto e, em segundo lugar, por não ser o objetivo da minha pesquisa, que pretende apenas investigar o contexto em que emergiu o *Yoga* na cidade de Florianópolis. Além disso, busco apontar quais os caminhos que ele percorreu até se difundir e estar sendo oferecido nos mais variados espaços e nas suas diversas vertentes. Igualmente, procurei identificar se houve transformações ou adaptações durante este percurso. Antes de entrar propriamente no tema, faz-se necessário contextualizar o momento mundial e as transformações sociais que propiciaram a eclosão de movimentos contestatórios por praticamente todo o Ocidente a partir da segunda metade do século XX.

A década de 1960 foi muito significativa, muito emblemática tanto em nível internacional como em nível nacional, não só política, como socialmente. De um lado, no cenário internacional, temos os EUA envolvidos com a guerra do Vietnã e os movimentos de protesto, de contracultura, do movimento *hippie*. A França vivendo as manifestações estudantis de Maio de 1968. A Tchecoslováquia, a Primavera de Praga. Por outro lado, no cenário nacional, o golpe de 1964 e a Ditadura Militar. Começávamos a viver os “anos de chumbo”. Em seguida os anos 1970. Em meio a tudo isso o “país do futebol” vive a euforia da conquista do tricampeonato mundial.

José Guilherme Magnani ressalta que manifestações contra os padrões vigentes, apesar de, no começo, terem sido mais fáceis de identificar nos Estados Unidos, rapidamente se espalharam por “praticamente todo o mundo ocidental”.<sup>1</sup> Mas não foi só no campo político que esses movimentos se fizeram presentes. Antonio Carlos Brandão afirma que essa construção de um mundo alternativo como forma de romper com os “esquemas repressores” aproximou uma grande parcela de jovens e os impeliu a buscar experiências místicas influenciadas pelo pensamento oriental.<sup>2</sup> Aliás, muito antes dos movimentos de contracultura terem descoberto o Zen Budismo e as tradições místicas do Oriente, os *beatniks* de Allen

---

<sup>1</sup>MAGNANI, José Guilherme. *O Brasil na Nova Era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 11.

<sup>2</sup>BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. Estopins de uma década explosiva. Radicalização dos movimentos jovens. In: \_\_\_\_\_. *Movimentos culturais de juventude*. São Paulo: Moderna, 1994. p. 51.

Ginsberg, nos anos 1950, em seus primeiros poemas, já manifestavam sua busca por Deus através da redescoberta e ressignificação do divino.

Na esteira pela busca por novas formas de vivência, de autoconhecimento, de espiritualidade associados aos ideais de contestação dos valores da modernidade, em que esses movimentos ditos “alternativos” voltam-se para o Oriente, é que as tradições do Hinduísmo e em especial do *Yoga* emergem.

O contexto brasileiro não foi diferente. No Brasil, esses movimentos encontrarão espaço com o fechamento dos canais de participação e a repressão aos movimentos populares, praticados pela ditadura. “Muitos militantes de organizações de esquerda e participantes do movimento cultural enveredam por caminhos religiosos e alternativos”.<sup>3</sup>

A partir daí é que começa a minha problemática. E Florianópolis? Como a juventude florianopolitana viveu a década de 1970? Como esses movimentos de contracultura influenciaram essa sociedade da época que também vivia neste contexto nacional e internacional? Mais especificamente, será que o *Yoga* que aqui emergiu foi trazido por participantes desses movimentos? Esses questionamentos, essas perguntas suscitaram hipóteses que foram o objetivo de minha pesquisa e que tentei encontrar argumentos que permitissem suas respostas, seja afirmando-as ou não. Foram elas: O *Yoga* teria sido trazido para cá na década de 1970? Os seus precursores tiveram envolvimento com os movimentos de contracultura e posteriormente a Nova Era? Como ocorreu a reconstrução do *Yoga* no Ocidente e, mais especificamente no Brasil e em Florianópolis? Essa ocidentalização teria ou não tirado a sua essência? Será que a pronúncia o *Yoga* ou a ioga<sup>4</sup> é só uma questão de nomenclatura?

Quando ingressei no Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2007, já me interessava há muito pelo tema *Yoga*, porém de forma bem superficial, sem qualquer leitura mais aprofundada sobre o assunto e via nessa prática, além de uma aura mística, a possibilidade de obtenção de condicionamento físico. Era essa a imagem que eu tinha, nada mais.

Já na primeira fase do curso, na disciplina de História do Oriente Antigo, como parte da metodologia, havia a proposta de apresentação de um seminário sobre tema de livre escolha relacionado ao conteúdo programático. Eu e mais três colegas<sup>5</sup> resolvemos escolher alguma coisa que estivesse relacionada com a Índia, por ter uma cultura de menor proximidade e

---

<sup>3</sup>MAGNANI, J. G. op. cit., p. 16.

<sup>4</sup>Para fins de diferenciação e entendimento, ao longo de todo o trabalho será utilizada a grafia *Yoga* quando se pretender referir-se a pronúncia com ô fechado, e ioga para se referir à pronúncia com ó aberto.

<sup>5</sup>A Danúbia Kulba, a Aline Scherer e a Mariana Ouriques.

conhecimento, pois nenhum dos componentes do grupo até então havia tido contato no âmbito escolar com textos relativos àquela cultura. Para nós era um enorme desafio. Porém, o assunto era muito amplo. Precisávamos dar um recorte mais específico para podermos começar nossa pesquisa. Foi então que optamos pelo tema *Yoga*, que nos pareceu com maior possibilidade de abordagem. Fizemos, a meu ver, um excelente trabalho, e essa pesquisa acabou por abrir caminho para meu desejo de aprofundar mais o assunto, porém trazendo-o para uma realidade mais próxima. Que tal uma pesquisa sobre a emergência do *Yoga* aqui na capital? Quando ele teria vindo para cá? Em que contexto? Quais foram os primeiros grupos de praticantes? Qual ou quais as vertentes que mais tiveram penetração e aceitação?

A leitura atenta de vasta bibliografia dos autores que tratam do *Yoga* tanto em seu contexto oriental como ocidental contribuiu para que eu pudesse formular os conceitos acerca do tema, das suas influências, transformações e/ou adaptações que possam ter ocorrido para a sua difusão e aceitação aos padrões ocidentais.

Trabalhando com a História Social e a História Cultural, tive a possibilidade de dar voz a um determinado grupo, no caso dos praticantes de *Yoga*, situar esse grupo no tempo e no espaço, contextualizando o momento histórico que se fazia presente quando esse grupo teve sua emergência e, principalmente, analisar qual a interpretação e representação que esse grupo ou mesmo de outros indivíduos não participantes desse grupo puderam fazer de seu passado, através de relatos orais e memória.

Representação não é uma cópia fiel e perfeita do real, mas uma construção socialmente feita com base nele, guardando relações de semelhança com esse real, porém carregadas de simbologia e sentidos ocultos que acabam por se interiorizar no inconsciente coletivo e sendo vistas como naturais, como reais. Ao substituir a realidade, a representação termina por construir um mundo paralelo de sinais, signos e símbolos, que irão fazer parte do cotidiano das pessoas e ditar suas vidas,<sup>6</sup> conforme explica Sandra Jatahy Pesavento.

Neste sentido, o papel da História Cultural é o de tentar decodificar, interpretar toda uma gama de códigos de um outro tempo, e isso pode se tornar uma tarefa árdua, dados os filtros interpostos pelo passado. O historiador só dispõe de vestígios, de indícios que se apresentam a ele como representações do acontecido e essas serão as fontes pelas quais ele irá construir sua pesquisa, portanto, o passado será reconstruído através do olhar do historiador. Assim, a História Cultural trabalha com representações de algo já representado, ou seja, das ideias e imagens produzidas, neste caso, por um determinado grupo em uma determinada

---

<sup>6</sup>PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Ed. Artes Médicas, 2008. p. 40-43.

época, para dar sentido ao real, criando-se o conceito de imaginário. Pesavento questiona, entretanto, se tudo pode ser fonte, traço, vestígio do passado à espera do historiador, se tudo pode ser realmente tema, objeto da História.<sup>7</sup> Para essas questões considero apropriado retomar o pensamento de Paul Veyne:

Então, dado que não podemos dizer à história mais do que dizem as fontes, apenas nos resta escrevê-la como sempre se escreveu: com as desigualdades de tempo que são proporcionais à desigual conservação dos vestígios do passado: abreviando, para o conhecimento histórico, é suficiente que um acontecimento tenha tido lugar para que seja bom sabê-lo.<sup>8</sup>

Ou ainda, de acordo com James Harvey Robinson, “História inclui qualquer traço ou vestígio das coisas que o homem fez ou pensou, desde o seu surgimento sobre a terra”.<sup>9</sup> Diante disso, no meu entendimento, uma vez que um determinado acontecimento teve a participação de pessoas, de um grupo, qualquer que seja, ele pode pela intervenção do historiador se transformar em fato histórico, portanto pode se tornar História.

No que diz respeito à emergência do *Yoga* especificamente em Florianópolis, a investigação requereu ainda o trabalho de campo, isto é, a busca por periódicos como jornais e revistas que pudessem evidenciar como a sociedade local reagiu à repressão da Ditadura Militar e se essa reação teve ligação com a busca espiritual voltada ao Oriente.

Além disso, a realização de entrevistas com pessoas ligadas à área, como profissionais e praticantes de *Yoga*, ou ainda pessoas que tenham vivido em Florianópolis na década de 1970, que puderam contribuir através de relatos orais e memória. Neste aspecto, a utilização da História Oral como método de trabalho tornou-se imprescindível, pois foi através dos depoimentos dos entrevistados, do tratamento deliberado das entrevistas através de suas várias etapas, desde a gravação, a transcrição, a correção e, posteriormente a autorização de utilização por parte dos entrevistados, que esses documentos se transformaram em fonte, portanto, documento histórico.

Verena Alberti já havia sublinhado que

[...] a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de

<sup>7</sup>Ibidem, p. 68.

<sup>8</sup>VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Tradução de Antônio José da Silva Moreira. Lisboa: Edições 70, 1987. p. 27.

<sup>9</sup>ROBSON, 1912, Apud BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991. p. 21.

mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou testemunharam.<sup>10</sup>

Importante ressaltar que o que se pretendeu buscar com a utilização da História Oral, não foi um resgate do passado recente do cotidiano das pessoas que viveram em Florianópolis no período estudado, “tal qual efetivamente ele ocorreu”, mas como essas pessoas o apreenderam e o interpretaram, ou seja, consciente de que são traduções do passado “através de suas múltiplas versões”.<sup>11</sup> Cabe ainda salientar que o grande desafio do presente estudo foi a escolha por um tema “alternativo”, a utilização da História Oral como metodologia e, principalmente, a opção por trabalhar com a História do Tempo Presente, portanto, ciente de se tratar de uma história inacabada, sujeita a mudanças.

Foi partindo desses princípios que dei corpo e desenvolvi minha pesquisa, utilizando o método de montagem, que como o próprio nome já sugere, consiste em “montar, combinar, compor, cruzar”<sup>12</sup> diversas fontes, diversas bibliografias, para, a partir disso, poder construir, ou melhor, reconstruir, ressignificar o que outros historiadores, o que outras fontes já produziram.

De acordo com Pesavento,

Sem dúvida, o historiador se apóia em textos e imagens que ele constrói como fontes, como traços portadores de significado para resolver os problemas que se coloca para resolver. Mas é preciso ir de um texto a outro texto, sair da fonte para mergulhar no referencial de contingência no qual se insere o objeto do historiador. Do texto ao extratexto, esse procedimento potencializa a interpretação [...]<sup>13</sup>

Neste sentido, o primeiro capítulo procurará abordar a história da prática do *Yoga* desde os tempos remotos das civilizações védicas, quando ele ainda era descrito apenas como uma postura confortável para a meditação, até o momento em que ele se expandiu para o Ocidente quando ganha novos contornos e sentidos para atender a um público mais diversificado. Serão apresentados também vários conceitos que expressam o significado ou os significados da

<sup>10</sup> ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 18.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>12</sup> PESAVENTO, S. J. op. cit., p. 65.

<sup>13</sup> Idem.

palavra *Yoga*, como esses conceitos foram assimilados e/ou ressignificados por integrantes do movimento contracultural dos anos 1970, e como essa ressignificação é vista hoje.

No segundo capítulo será dado um breve histórico do *Yoga* no Brasil, de como essa prática que já estava amplamente difundida no Ocidente chega ao nosso país, e através de que forma e quem teriam sido seus principais divulgadores. Para que se possa chegar ao objetivo do presente estudo, que é tentar evidenciar a emergência dessa prática na cidade de Florianópolis, na terceira e última parte desse capítulo, será abordado anteriormente o contexto em que vivia a juventude florianopolitana na década de 1970, ante o cenário nacional de regime de exceção imposto pela Ditadura Militar, bem como ante o cenário internacional de contestação aos valores da modernidade representados pela sociedade de consumo conferido pelo “*way of life*” estadunidense.

A rede de pessoas que deram seu depoimento foi constituída de forma totalmente aleatória e eclética. Um dos primeiros entrevistados foi Cláudio de Menezes,<sup>14</sup> por ser colunista social, e principalmente por ser nativo e ter vivido na cidade no período estudado. Nildo José Martins é professor de História da rede pública estadual, e já o havia entrevistado em outra ocasião, quando ele comentou que participou do movimento estudantil no final da década de 1970. Lembrando deste detalhe decidi que seu depoimento seria relevante.

Em 2010 a RBS TV exibiu o documentário *Ilha 70*, que veio a se constituir como uma das principais fontes para contextualizar o cotidiano de Florianópolis na década de 1970. Alguns depoimentos foram extraídos dali, como de Raul Caldas Junior, Fernanda Lago, Juliana Wosgraus, Ana Maria Maia Ramos, Édio Nunes, Ricardo Machado, Érico Veríssimo, Celso Ramos Neto e Fernando Bahia.

Outros dois nomes surgiram também a partir do documentário, porém eu consegui realizar as entrevistas, que foram com José Luiz Lueneberg,<sup>15</sup> este por já ter sido indicado por uma amiga, primeiramente por ter vivido sua juventude em Florianópolis no período estudado, e também por ter envolvimento com a contracultura. Aliás, o nome dele me foi sugerido por essa amiga bem antes do documentário ser apresentado pela RBS. A segunda pessoa foi Sandra Meyer Nunes, indicação de Marcos Martins, da Vinil Filmes, que dirigiu o documentário. Foi ele quem me esclareceu que a moça que aparece meditando em postura de

---

<sup>14</sup>Cláudio de Menezes é colunista do jornal *Diário Catarinense*, além de apresentador de televisão, no *Jornal do Almoço*, da RBS TV, e na TVCom. No meio ele é mais conhecido como “Cacau” Menezes, como gosta de ser chamado. Assim será referenciado, daqui para frente.

<sup>15</sup>Lueneberg fez questão de enfatizar na entrevista que é conhecido por “Ito”, seu apelido. Assim será referenciado, daqui para frente.

*Yoga* em uma pedra na Praia da Joaquina era Sandra, razão pela qual decidi que precisava obter seu depoimento.

Elaine Wolter foi outra indicação dessa amiga. Ela foi integrante do movimento estudantil e também foi *hippie*, na época. A escolha de Valter José da Luz foi totalmente por acaso. Estava caminhando na Av. Hercílio Luz tentando localizar o Kioski, um antigo ponto de encontro da juventude na década de 1970 e que, segundo alguns depoimentos, deveria ficar nas imediações. Quando passei em frente ao prédio do Sindicato dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Florianópolis, que fica na Praça Olívio Amorim, nº 174, resolvi entrar e perguntar se alguém poderia me dar essa informação. Foi quando a pessoa que me atendeu me passou o nome e telefone do Sr. Valter, dizendo que ele talvez pudesse falar a respeito.

Em conversa com um surfista que pratica o esporte na Praia da Joaquina, perguntei se ele conhecia algum surfista “das antigas”, que frequentasse a praia na época, e ele me forneceu o contato de Pedro Luiz do Rego Monteiro de Castro.<sup>16</sup> Só depois durante a entrevista é que soube que ele também aparece dando depoimento no documentário *Ilha 70*. Foi ele quem comentou que Luiz Philippe Schmidt de Arruda é um fotógrafo conceituado na cidade, e filho da professora Dalva Arruda, lembrada por muitas pessoas com as quais conversei como uma das precursoras em desenvolver o *Yoga* em Florianópolis na década de 1970. Por esta razão, o depoimento de Luiz Philippe Arruda se tornou imprescindível.

Os demais entrevistados, Camila Reitz Felipe, Joris de Oliveira Marengo, Marilde Rodrigues, Paula Bragaglia e Walnélia Corrêa Pederneiras, foram escolhidos por terem envolvimento direto com o *Yoga*, como instrutores ou como praticantes.

---

<sup>16</sup>Pedro de Castro, além de instrutor de *Yoga* também treina atletas no surf. No meio ele é mais conhecido como “Pedroca”, como gosta de ser chamado. Assim será referenciado, daqui para frente.

## CAPÍTULO 1 – Dos rituais védicos, ao psicodelismo *hippie* e aos dias atuais.

Hoje em dia vemos o *Yoga* sendo oferecido em diversos espaços, seja em academias de ginástica ou em centros especializados, nas suas mais variadas vertentes, evidenciando-se uma crescente propagação dessa prática milenar cuja emergência remonta aos primórdios das civilizações que, juntas, viriam a formar o que hoje conhecemos como a Índia.

Em Florianópolis, desde 2005, ocorre no mês de setembro a semana municipal de *Yoga*. Durante esse evento, diferentes centros e espaços oferecem, gratuitamente, diversas atividades, que vão desde palestras, estudos, práticas e vivências de várias vertentes de *Yoga*. Além disso, regularmente são oferecidos diversos cursos de formação de instrutores, de onde saem profissionais que irão atuar em todo o país, e também de onde são organizados grupos de viagens à Índia para aprofundamento dos estudos. Estes acontecimentos, além de proporcionarem o encontro e a troca de experiências dos mais variados grupos de participantes e estudiosos do tema, vêm colocando a capital catarinense, neste aspecto, como um dos pólos, como uma referência de *Yoga*, em nível nacional.

O *Yoga*, no entanto, historicamente é uma prática atribuída aos povos védicos que viveram na região do Indu-Sarasvatî, então norte da Índia e que hoje corresponde ao Paquistão, entre o quinto e o terceiro milênios a.C. Essa região guarda três dos principais sítios arqueológicos, Harappa, Mohenjo Daro e Mehrgarh que, juntos, constituem o berço da civilização védica que teria ali habitado.

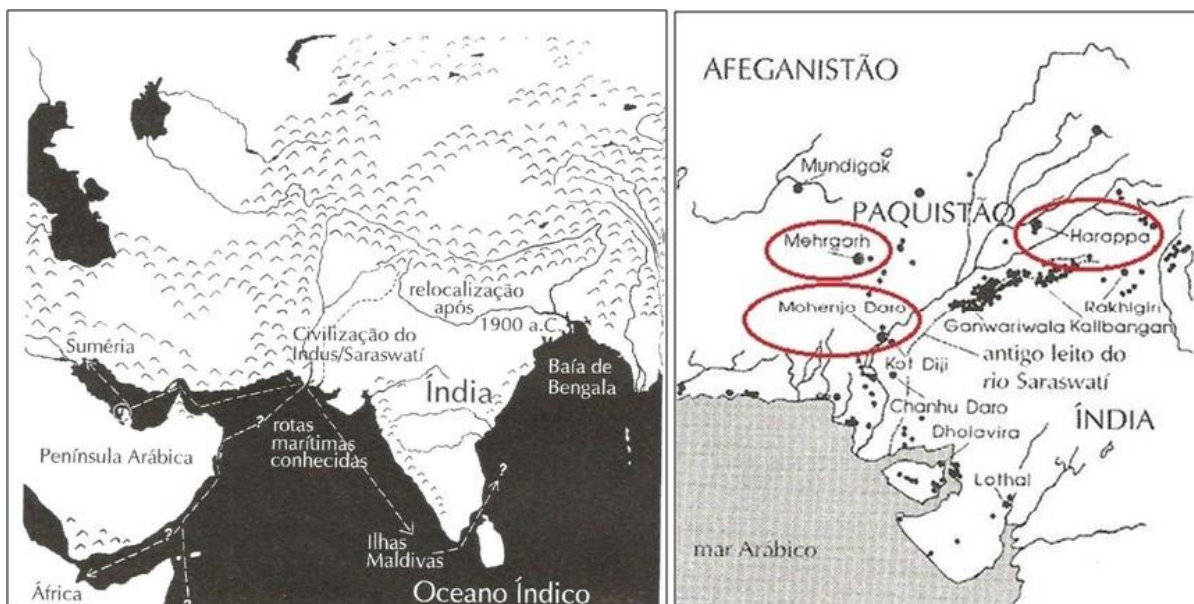
A partir do final da década de 1960 ele se expande para o Ocidente através dos movimentos de contracultura. Esses movimentos viram no Oriente uma alternativa de busca por novas formas de vivência, de autoconhecimento, de espiritualidade, em oposição à “cultura do desperdício nos grandes centros urbanos, ao vazio existencial da vida que tem como única medida o ter e esquecendo do ser”.<sup>17</sup> A insatisfação ante aos “valores apregoados por uma sociedade moralista, racista, consumista e tecnocrata”<sup>18</sup> levou multidões de jovens a procurar fugir “dos padrões estabelecidos por essa sociedade, para construir um mundo alternativo com uma ‘cultura’ própria”.<sup>19</sup> Neste sentido, as filosofias orientais como o Budismo e o Hinduísmo, em particular o *Yoga*, tiveram forte influência. Antes de tudo, porém, torna-se necessário conceituar o que é *Yoga*.

<sup>17</sup>KUPFER, Pedro. *História do yoga*. Florianópolis: Ed. Dharma, 2000. p. 128.

<sup>18</sup>BRANDÃO, A. C.; DUARTE, M. F. op. cit., p. 50.

<sup>19</sup>Idem.





Mapa da Índia Védica<sup>20</sup>

### 1.1 Uma breve história do *Yoga*.

*Yoga* é um termo polissêmico. De acordo com Georg Feuerstein, a palavra *Yoga*, em um sentido mais estreito, é derivada da raiz verbal sânscrita *yuj*, que significa jungir (unir), cangar (juntar), arrear (prender por arreios).<sup>21</sup> Em um sentido mais amplo, pode ser interpretada como a “união do eu individual com o Supremo Si Mesmo”<sup>22</sup> ou, ainda, como “a restrição dos turbilhões da consciência”.<sup>23</sup> O *Maitrî-Upanishad* (6.25) vai definir *Yoga* como sendo “a unidade da respiração, da mente e dos sentidos, e o abandono de todos os estados de existência”.<sup>24</sup> Para Pedro Kupfer, ele significa unir, integrar, totalizar. “Quando os cinco sentidos e a mente estão parados, e a própria razão descansa em silêncio, então começa o caminho supremo. Esta firmeza calma dos sentidos chama-se *Yoga*”.<sup>25</sup> Cabe ainda salientar que em sânscrito, todas as palavras terminadas em “a” curto, como *Shiva*, *Ganesha*, *âsana*, são do gênero masculino, portanto, é o *Yoga*, e não a ioga, e pronuncia-se com “o” longo e fechado.<sup>26</sup>

<sup>20</sup> Civilização do Indo-Saraswatî. In: KUPFER, P. op. cit., p. 64-66.

<sup>21</sup> FEUERSTEIN, Georg. *Uma visão profunda do Yoga: teoria e prática*. São Paulo: Pensamento, 2005. p. 19.

<sup>22</sup> FEUERSTEIN, Georg. *A tradição do Yoga: história, literatura, filosofia e prática*. São Paulo: Pensamento, 2006. p. 36.

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> FEUERSTEIN, G. op. cit., 2005. p. 38.

<sup>25</sup> KUPFER, P. op. cit., p. 31.

<sup>26</sup> TACCOLINI, Marcos. Sobre a grafia da palavra yoga. Disponível em <[http://www.yoganataraja.com.br/artigo\\_completo.php?id=9](http://www.yoganataraja.com.br/artigo_completo.php?id=9)>. Acesso em 04 de abril de 2008. Apud PEREIRA, Léo Fernandes. *A ocidentalização do Yoga: o perfil dos centros de Yoga de Florianópolis*. 2008. 67p. Para habilitação de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 11.

O que essas definições e conceitos expressam, na verdade, é a ideia de que *Yoga* é a união entre corpo, mente e espírito; é uma *práxis* que tem como objetivo o autoconhecimento e, em última instância, levar o praticante, ou *yogin*, a atingir um estado de hiperconsciência e de iluminação, estado que os hindus chamam *samâdhi*.

Conforme o que diz as palavras de um mantra contido no *Brihadâraryaka Upanishad* (1.3.28), epígrafe do presente trabalho e também citado por Feuerstein, o *Yoga* “nos conduz do irreal ao Real, da falsidade à Verdade, do temporal ao Eterno”.<sup>27</sup>

Os mais antigos textos sagrados do Hinduísmo que se tem conhecimento são os *Vedas*. Apenas quatro destes livros sobreviveram aos nossos dias: o *Rig-Veda*, que são os hinos em versos de louvor; o *Sâma-Veda*, composto por cânticos e canções; o *Yajur-Veda*, que contém as fórmulas sacrificiais e mágicas e o *Atharva-Veda*, composto por fórmulas rituais de uso geral. Existe muita discordância por parte dos estudiosos, historiadores e arqueólogos, em torno da datação precisa em que foram escritos os *Vedas*, e é no *Rig-Veda* que aparecem descrições de práticas de um *Proto-Yoga* que vão ao encontro de muitos dos achados arqueológicos na região do Indo-Sarasvatî, em especial um selo em terracota em que aparece uma divindade sentada em um trono baixo, em posição de meditação. Este artefato recebeu o nome de selo de Pashupati, e data de aproximadamente 3.000 a.C.



Selo de Pashupati<sup>28</sup>

<sup>27</sup>Brihadâraryaka Upanishad 1.3.28. Apud FEUERSTEIN, G. op. cit., 2005. p. 22.

Segundo Feuerstein, esse *Proto-Yoga* estava ligado aos rituais de sacrifício dos sacerdotes védicos, que para serem executados com a máxima exatidão, exigiam total concentração mental, controle de respiração e disciplina rigorosa, práticas que se transformariam nas raízes do *Yoga*. Já no final da era védica, surgiram os textos de comentários e explicações dos quatro *Vedas*, que são os *Brâhmanas*, os *Âranyakas* e as *Upanishads*, seguido do épico *Mahâbhârata*. Dentro deste último, há o capítulo *Bhagavad-Gîtâ*, que acabou se tornando uma das principais escrituras do Hinduísmo, além de conter os princípios da teoria e da prática do *Yoga*. Os ensinamentos contidos nestes textos se deram por milhares de anos, de mestre para discípulo, através da tradição oral chamada *paramparâ* até que, por volta do século II d.C., Patanjali compilou esses conhecimentos no *Yoga-Sûtra*, “que acabou sendo reconhecido como o sistema oficial (*darshana*) da tradição yogue”.<sup>29</sup> Por esta razão é que o *Yoga-Sûtra* de Patanjali é considerado o *Yoga Clássico*, ou *Yoga Real* como também é chamado (*Râja-Yoga*).

O *Yoga-Sûtra* é composto de 196 aforismos. Esses *Sûtras* apontam um caminho de oito práticas para se chegar à autotranscendência.

A espiritualidade de Patanjali compreende oito aspectos conhecidos como membros (*anga*) do *Yoga*. São eles: disciplina (*yama*), autocontrole (*niyama*), postura (*âsana*), controle da respiração (*prânâyâma*), recolhimento dos sentidos (*pratyâhâra*), concentração (*dhâranâ*), meditação (*dhyâna*) e êxtase (*samâdhi*).<sup>30</sup>

A partir daí o *Yoga* se expandiu ao longo dos séculos e novas modalidades foram surgindo, umas mais filosóficas, outras mais espirituais e algumas mais corporais, como por exemplo, o *Hatha-Yoga*, ou “*Yoga* vigoroso”, “produto da época medieval” que valoriza o “desenvolvimento do potencial do corpo, para que este seja capaz de suportar a força e o peso da realização transcendente”.<sup>31</sup> O *Hatha-Yoga* dá muita ênfase aos *âsanas*, que são as posturas, e ao *prânâyâma*, que é o controle da respiração. É através dessa modalidade de *Yoga* que se “inaugura a ideia do corpo como sagrado e como reflexo do cosmo”.<sup>32</sup>

<sup>28</sup>SELO DE PASHUPATI. Altura: 283 pixels. Largura: 280 pixels. 96 dpi. 24 bit. 22,3 Kb Formato JPEG. Disponível em <<http://claudiocrow.com.br/almacelta-mitol-galia.htm>>. Acesso em 11/09/2011.

<sup>29</sup>FEUERSTEIN, G. op. cit., 2006. p. 272.

<sup>30</sup>FEUERSTEIN, G. op. cit., 2006. p. 305.

<sup>31</sup>Ibidem, p. 66.

<sup>32</sup>FEUERSTEIN, G. Apud NUNES, Tales da Costa L. *Yoga: do corpo, a consciência; do corpo à consciência*. O significado da experiência corporal em praticantes de yoga. 2008. 166p. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 52.

Os primeiros textos que tratam dos *âsanas* são o *Gherandha Samhitâ*, o *Hatha Yoga Pradîpikâ* e o *Shiva Samhitâ*, de origem bem mais tardia, entre os séculos X e XVII d.C. Até então, o *Yoga-Sûtra* apenas fazia menção a posições sentadas para meditação. A partir desses tratados de *Hatha-Yoga* inaugura-se o que se convencionou chamar de *Yoga Pós-Clássico*, por influência do tantrismo. Para os mestres tântricos, o corpo não era apenas um veículo sujeito às vicissitudes da vida, às doenças e à morte, mas “a morada de Deus e um caminho alquímico em que se haveria de realizar a perfeição espiritual”.<sup>33</sup> Só que a ideia de Deus aqui não está relacionada ao Deus judaico cristão. A vertente não-dualista do Hinduísmo concebe Deus como o Supremo Si Mesmo transcendente, o *âtman*, que se iguala ao Absoluto, *Brahman*. Segundo eles, cada um de nós carrega Deus dentro de si, por isso somos seres divinos. Essa concepção de divindade está contida no mais tradicional cumprimento do Hinduísmo, em que as mãos são unidas em frente ao peito e pronuncia-se *Namastê*, cujo significado é “O Deus que habita em mim reconhece e reverencia o Deus que habita em você”. Um poema na língua tâmil do século XVII, de autoria de Bhogar, expressa claramente essa ideia:

Tempo houve em que desprezei o corpo;  
mas então vi o Deus dentro de mim.  
Percebi que o corpo é o templo do Senhor,  
E comecei a preservá-lo com infinito cuidado.<sup>34</sup>

Começa-se então a se desenvolver a noção de centralidade do corpo, de acordo com a afirmação de Mircea Eliade, “Porque o corpo representa o cosmos e todos os deuses, porque a libertação não se pode conseguir senão a partir do corpo, é importante ter um corpo sadio e forte”.<sup>35</sup>

## 1.2 A aproximação do Oriente pelos movimentos de contracultura.

Nos anos 1950, os *outsiders* Timothy Leary, Allen Ginsberg e Jack Kerouac descobriram o misticismo oriental e o apresentaram ao então emergente movimento contracultural *beatnik* e, logo a seguir, aos *hipsters*, do qual os sucessores *hippies* são tributários. Muito antes deles, porém, o trabalho missionário do indiano Swami Vivekananda antecipou em mais de meio século a apresentação das tradições do Hinduísmo e do *Yoga* ao Ocidente, em 1893 no Parlamento das Religiões, em Chicago. Três décadas mais tarde, em

<sup>33</sup>FEUERSTEIN, G. op. cit., 2006. p. 462.

<sup>34</sup>BHOGAR, Apud FEUERSTEIN, G. Ibidem, p. 464.

<sup>35</sup>ELIADE, M., 1996. Apud NUNES, T. C. L. op. cit., p. 52.

1920, o mestre Paramahansa Yogananda chega em Boston, e acabou se tornando o mais conhecido *yogin* indiano no Ocidente.

Esses primeiros mestres orientais desvendaram para o Ocidente uma visão totalmente nova do “eu”. Através do *Yoga*, eles falavam que o ser humano era algo muito mais profundo do que o corpo físico, e que a disciplina proporcionada pela prática yogue poderia revelar esse algo mais, o Si Mesmo transcendental (*âtman*, *purusha*), conceitos que mais tarde seriam assimilados pelos *hippies*.

Os Estados Unidos havia uma década tinham saído vitoriosos da Segunda Guerra Mundial, e o que se viu a partir daí foi um acelerado desenvolvimento em que o modelo capitalista ganharia a fama de “capitalismo selvagem”. Rapidamente as *highways* rasgavam o país em todas as direções, da costa Leste à costa Oeste, do Sul ao Norte, ocasionando um modo de vida cada vez mais apressado, dentro da máxima do *time is money*. De acordo com Carlos Alberto Pereira, naquele país começava a emergir uma sociedade cientificista, tecnocrata e materialista, fruto de um sistema altamente repressor e massificante que apregoava um modo de vida, o *american way of life*, que seria amplamente difundido e “exportado” para boa parte do mundo ocidental.<sup>36</sup>

Contrário ao *status quo*, ao *establishment*, ao consumismo representado no ideário capitalista, surge, na década de 1960, o movimento de contracultura, “com um forte espírito de contestação, de insatisfação, de experiência, de busca de uma outra realidade, de um outro modo de vida”,<sup>37</sup> cujos *hippies* serão seus principais depositários. O que esses jovens propunham era uma ruptura com a ordem dominante; logo, essa visão de mundo cientificista do Ocidente contribuiu para a busca pelo seu oposto: o misticismo oriental. Eles queriam mostrar que este não constituía o único mundo moderno possível, que havia outras e melhores direções para as quais o espírito moderno podia se voltar. O que estava em jogo, naquele momento, como disse Pereira, era toda “uma outra maneira de encarar a natureza ou o corpo”.<sup>38</sup>

Para Frédéric Monneyron e Martine Xiberras, essa contestação predominante no movimento *hippie*, colocou em xeque os princípios filosóficos da civilização moderna, com seu “cartesianismo” que distancia o corpo do espírito, ou o “positivismo científico” que prega

---

<sup>36</sup>PEREIRA, Carlos Alberto M. *O que é contracultura*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>37</sup>Ibidem, p. 14.

<sup>38</sup>Ibidem, p. 58.

a superioridade do homem ante a natureza, razão pela qual ele vai buscar sustentação no “espiritualismo das religiões orientais ou extremo-orientais”.<sup>39</sup>

Não seria de se estranhar, portanto, que ao se aproximar do misticismo oriental e em particular do Hinduísmo, os *hippies* se tenham seduzido pelo *Yoga*, essa tradição milenar que proporciona ao praticante uma profunda liberdade interior, paz de espírito e felicidade permanente, justamente o que o seu movimento pregava.

### 1.3 Os valores contestatórios dos *hippies*.

O misticismo hindu no geral, e o *Yoga* em particular, apresentavam um vocabulário com os quais os *hippies* facilmente se identificaram: esoterismo, êxtase (*samâdhi*), não-violência (*ahimsâ*), libertação (*moksha*), busca de uma outra realidade, uma linguagem mais que apropriada e que ia ao encontro de seu desejo de mudança, de rompimento com aquele modo de vida superficial, uma linguagem que estava “voltada principalmente para a transformação da consciência, dos valores e do comportamento, na busca de novos espaços e novos canais de expressão para o indivíduo”,<sup>40</sup> como bem observa Léo Fernandes Pereira.

Na área política, os principais protestos dos *hippies* voltavam-se contra a participação dos EUA na Guerra do Vietnã e acompanharam a luta pelos direitos civis dos negros e das mulheres. Porém, no campo social, o modo de vida consumista decorrente do avanço do capitalismo também chamou a atenção desse grupo, que se propôs a romper com esse estilo de vida, passando a pregar uma vida mais integrada à natureza, com mais liberdade, onde a paz, o amor, o sexo livre e o uso de substâncias psicoativas foram suas principais armas para lutar contra o poder estabelecido, e os ajudou no acesso a outros planos de realidade.

Monneyron e Xiberras também afirmam que os *hippies* teriam sido fortemente influenciados pela forma com que os renunciantes hindus, os *sâdhus*, encaram a vida, vivendo na mais absoluta pobreza, retirados nas montanhas e florestas, em total renúncia à vida social como forma de desprendimento e desapego aos bens materiais para, assim, atingir o estado de êxtase absoluto, o *nirvâna* para os budistas, ou *moksha* para os hindus.

Para eles,

<sup>39</sup>MONNEYRON, Frédéric; XIBERRAS, Martine. *Le monde hippie*. De l’imaginaire psychédélique à la révolution informatique. Paris: Imago, 2008, p. 21.

<sup>40</sup>PEREIRA, Léo Fernandes. *A ocidentalização do Yoga: o perfil dos centros de Yoga de Florianópolis*. 2008. 67p. Para habilitação de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 24.

A experiência do êxtase pode então ser interpretada de várias maneiras e, em particular, com uma conotação tanto positiva, quanto negativa. Se a cultura ocidental tem tendência a privilegiar o aspecto nefasto ou o aspecto alucinatório do êxtase, como sentimento de terror inspirado pelas primeiras experiências do sagrado, as culturas tradicionais não hesitam em mergulhar nas interpretações místicas. A cultura indiana oferece notadamente muitas explicações, imagens, mitos, que permitem dar um senso a essas experiências do inefável, um senso que os *hippies* acharão. Assim, os sábios ocidentais puderam observar e descrever o estado do “renunciante”, *sâdhu* ou *samnyâsin*, como um “indivíduo fora do mundo”, que (teoricamente) atinge esse estado de êxtase cósmico e renuncia à vida profana e social, e que se opõe irremediavelmente ao indivíduo moderno, ou seja, “indivíduo no mundo”.<sup>41</sup>

Para esses jovens, era preciso “cair fora” de tudo o que representasse as estruturas do poder estabelecido, daí a filosofia do *turn on, tune in, drop out* (ligue-se, sintonize-se, caia fora). O que eles pretendiam, retomando uma expressão de Brandão, era estabelecer um “paraíso aqui e agora, de paz e amor”. Neste sentido, a busca por um estado de paz interior, de liberdade, de transcendência, proporcionados pelas práticas orientais, foram abreviadas pelo uso das drogas, em especial o LSD. Sobre o uso das drogas com fins transcendentais, Elaine Wolter dá um depoimento interessante:

[...] na verdade, esse movimento *hippie* procurava contestar não só aquela coisa do imperialismo americano, mas também buscava uma espiritualização, uma dimensão maior para a vida. Esses movimentos todos eram direcionados para isso. Quando apareceu, por exemplo, a maconha, ela entrou no movimento *hippie*. Só que naquela época a droga não tinha a conotação nem o cunho que ela tem hoje, porque os *hippies* quando fumavam maconha, eles fumavam maconha para transcender, para buscar uma viagem transcendental, sabe, para buscar um conhecimento superior, para buscar uma visão diferenciada das coisas, diferentemente de hoje, que as pessoas usam drogas, para pirar, para enlouquecer, para ir prá balada, não era assim.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup>L'expérience de l'extase peut donc être interprétée de maintes façons et, en particulier, avec une connotation tantôt positive, tantôt négative. Si la culture occidentale a tendance à privilégier l'aspect néfaste ou l'aspect hallucinatoire de l'extase, comme le sentiment d'effroi inspiré par les premières expériences du sacré, les cultures traditionnelles n'hésitent pas à s'engouffrer dans les interprétations mystiques. La culture indienne offre notamment nombre d'explications, d'images, de mythes, qui permettent de donner un sens à ces expériences de l'ineffable, un sens que les hippies retrouveront. Ainsi les savants occidentaux ont-ils pu observer et décrire l'état du «renonçant», *sadhu* ou *sanyasin*, comme un «individu-hors-du-monde», qui a (théoriquement) atteint cet état d'extase cosmique et renonce à la vie profane et sociale et qui s'oppose irrémédiablement à l'individu moderne, «individu-dans-le-monde». MONNEYRON, Frédéric; XIBERRAS, Martine. Aux sources des religions. In: \_\_\_\_\_. *Le monde hippie*. De l'imaginaire psychédélique à la révolution informatique. Paris: Imago, 2008. Chap. II, p. 34. (Tradução livre de Renata Palandri Sigolo Sell).

<sup>42</sup>WOLTER, Elaine. 63 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, maio de 2010, Campeche, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

O movimento *hippie*, portanto, foi quem principiou uma conscientização religiosa totalmente nova para os padrões ocidentais e que em pouco tempo se ampliaria para outros segmentos da população.

#### 1.4 A relação da prática de *Yoga* com os movimentos de contracultura.

O contexto do *Yoga* no Ocidente sempre esteve inserido no campo das práticas “alternativas”, como ressalta Tales da Costa Nunes. Inicialmente incorporado à busca da transcendência do movimento *hippie*, e mais recentemente à ideia de culto ao corpo, em que os aspectos filosóficos e espirituais foram sendo substituídos pelo aspecto físico e terapêutico, servindo muitas vezes como forma de alongamento ou, até, no tratamento de dores musculares e lombares.

Essa busca pela transcendência está intrinsecamente relacionada ao desencantamento ocidental com relação ao divino, à religiosidade proposta pelo Cristianismo “que concebe Deus como algo transcendente ao homem e separado do mundo”,<sup>43</sup> ainda de acordo com Nunes. Essa ideia de desencanto encontra eco no pensamento de Ysé Tardan-Masquelier, quando ela afirma que “as morais ocidentais, religiosas ou laicas são colocadas em acusação por ter reprimido a dimensão corporal como um dos componentes essenciais da pessoa, e com ela, a sensibilidade, a sexualidade, a ligação com a natureza”.<sup>44</sup> Como uma forma de criticar os valores da cultura moderna, os participantes da contracultura logo perceberam que as práticas orientais, como o *Yoga*, proporcionavam a abertura de um canal com o divino, com o “Eu Supremo”, uma busca que vai de si para si mesmo, sem necessidade de abraçar os dogmas ou a doutrina do Cristianismo, que há muito se distanciara de seus anseios. Neste sentido, o *Yoga* era uma novidade que, em certa medida, veio suprir esses anseios, como bem observa Anthony Albert Fischer D’Andrea:

No mundo moderno, a busca por novidade e diversidade de experiências está de certa forma relacionada a alguma insatisfação básica, seja consigo mesmo, seja com os padrões de vida modernos, seja com as propostas religiosas disponíveis. Repetidamente tal insatisfação (diferente da indiferença) não implica necessariamente desistência, mas, ao contrário,

<sup>43</sup>NUNES, T. C. L., op. cit., p. 23.

<sup>44</sup>TARDAN-MASQUELIER, Ysé. *La Réinvention du yoga par l'occident*. Tradução Mauren Pavão Przybylski. Paris: Études, 2002/1, Tome 396, p. 39-50. Disponível em: <<http://www.cairn.info/article.php>>. Acesso em 13/06/2008.



motiva a busca por novos caminhos e respostas no campo existencial e transcendente.<sup>45</sup>

Outro segmento do movimento de contracultura que não pode deixar de ser analisado é o Movimento Nova Era, que também teve sua emergência nos anos 1960, mas que teve forte expressão a partir da década de 1970. O MNE, muitas vezes, também é denominado neo-esoterismo, misticismo contemporâneo, ou Era de Aquário. Segundo Magnani, ele está ligado à cosmologia astrológica, e

Refere-se a uma mudança – ocasionada pela chamada precessão dos equinócios – no aparente trajeto do sistema solar em relação ao zodíaco (uma espécie de faixa com 12 subdivisões projetada na abóbada celeste), ao longo do qual parecem mover-se os astros, perfazendo determinados ciclos. Os astrólogos acreditam que atualmente estamos entrando em uma nova era, momento que sempre anuncia ou acarreta importantes modificações para a humanidade.<sup>46</sup>

Essa nova era é a Era de Aquário, que, ainda segundo Magnani, chega “trazendo ou anunciando profundas alterações para os homens em sua maneira de pensar, sentir, agir e relacionar-se uns com os outros, com a natureza e com a esfera do sobrenatural”.<sup>47</sup> Essas alterações quanto ao modo de ver e se relacionar com a natureza abriram espaço para alguns grupos repensarem a maneira como a humanidade como um todo vinha se alimentando, e como a produção de alimentos agredia a natureza, emergindo a partir daí o conceito de produção de alimentos sem o uso de fertilizantes e agrotóxicos, partindo-se para a ideia de uma alimentação natural baseada no vegetarianismo e na macrobiótica. Começa-se a associar esses preceitos à busca por uma “melhor qualidade de vida”. Magnani salienta que, a partir daí, “a disseminação de práticas e terapias corporais, por sua vez, abriu espaço para maiores cuidados com o corpo e com a alimentação, bem como para a sensibilidade e as emoções”.<sup>48</sup>

O ecletismo propiciado pelo MNE abriu espaço para novas formas de se relacionar com o sagrado, possibilitando uma “nova consciência religiosa”, que resulta “na possibilidade de novas combinações sincréticas”, retomando uma expressão de D’Andrea. Teosofia, ocultismo, xamanismo, cabala, Santo Daime, astrologia, *Yoga*, são apenas algumas dessas possibilidades. D’Andrea vai dizer que a Nova Era propiciou a ressignificação de recursos simbólicos tradicionais, num processo de “nova-erização” dessas antigas tradições. Para ele,

<sup>45</sup>D’ANDREA, Anthony Albert Fischer. *O self perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiões pós-tradicionais*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 20.

<sup>46</sup>MAGNANI, J. G. op. cit., p. 10.

<sup>47</sup>Idem.

<sup>48</sup>Ibidem, p. 40.

A *New Age* é bem mais que uma “religião” ou um movimento. Trata-se de um processo de tradução religiosa das tendências individualizantes, reflexivistas e globalizantes da alta modernidade. A *New Age* é, portanto, a própria modernidade movendo-se para dentro do campo religioso, problematizando-o, alterando-o e transformando-o – eliminando e readaptando formas religiosas.<sup>49</sup>

No bojo dessas tendências reflexivistas (destradicionalizantes) é que o *Yoga* acabará sendo tão bem aceito no Ocidente.

### 1.5 A readaptação e ressignificação do *Yoga* aos moldes ocidentais.

No que diz respeito aos benefícios fisiológicos proporcionados pelas posturas yogues, Feuerstein enumera diversos efeitos benéficos já comprovados pela ciência. Segundo ele,

Melhoram a flexibilidade músculo-esquelética, a força, a resistência do organismo ao cansaço e às mudanças ambientais, a eficiência cardíoro-respiratória, o funcionamento das glândulas endócrinas, do sistema gastro-intestinal e do sistema imunológico, o sono, o equilíbrio e a coordenação entre o olhar e o movimento das mãos. Certos experimentos apontaram também diversos benefícios psicológicos, como a melhora da consciência somática, da atenção, da memória, do aprendizado e do estado de espírito.<sup>50</sup>

É certo que na tradição, não são esses os objetivos do *Yoga*, porém foram justamente os que mais agradaram aos ocidentais e que proporcionaram sua difusão e sua associação com o esporte e com a prática física. Joris de Oliveira Marengo, instrutor do Método DeRose<sup>51</sup> há trinta e cinco anos na capital catarinense, critica tanto praticantes quanto escolas e espaços que vêem o *Yoga* de forma utilitária, visando benefícios. Para ele, “todo *Yoga* objetiva o *samádhi*, a hiperconsciência. Qualquer outro *Yoga*, qualquer outra que seja a meta, ela é utilitária”.<sup>52</sup> Kupfer, que pratica há quase trinta anos e que hoje também é instrutor com reconhecimento nacional, igualmente faz críticas àqueles que só visam aos benefícios da prática. Segundo ele, “infelizmente, constatamos que a grande maioria das pessoas não

<sup>49</sup>D’ANDREA, A. A. F., op. cit., p. 32.

<sup>50</sup>FEUERSTEIN, G. op. cit., 2005. p. 178.

<sup>51</sup>O Método DeRose é uma proposta de life style coaching com ênfase em boa qualidade de vida, boas maneiras, boas relações humanas, boa cultura, boa alimentação e boa forma. Algumas das ferramentas são a reeducação respiratória, a administração do stress, as técnicas orgânicas que melhoram o tônus muscular e a flexibilidade, procedimentos para o aprimoramento da descontração e da concentração mental. Tudo isso, em última instância, visando à expansão da lucidez e ao autoconhecimento. In: DEROSE. *O que é o Método DeRose*. São Paulo: DeRose Editora, 2009. p. 04.

<sup>52</sup>MARENGO, Joris de Oliveira. 54 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, agosto de 2011, Centro, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

entende o Yoga, que acaba sendo usado de forma utilitária para preencher necessidades buscando benefícios pessoais, satisfazer desejos, expectativas ou fantasias de quem o pratica”.<sup>53</sup> Nunes também faz ressalvas quanto ao significado que o Ocidente deu ao *Yoga* enquanto prática corporal. Ele diz:

A partir da visão de algumas tradições Orientais, entre elas e talvez principalmente o Yoga, como prática corporal, diversas apropriações são possíveis. A aproximação entre estas e os esportes, a medicina convencional, a estética. No meio *yogi* aqui estudado, as críticas recaem sobre a transformação do Yoga em prática de bem estar e a ginástica corporal, destituída da adoção de uma ética pessoal e do estudo.<sup>54</sup>

São inúmeras as reportagens de revistas de grande circulação nacional que tratam “da ioga” como forma de obtenção de benefícios para a saúde e, principalmente, como condicionamento físico. Uma matéria publicada na Revista Isto É, edição nº 2169, de junho de 2011, intitulada “Todo o poder da ioga”,<sup>55</sup> enfatiza uma série de pesquisas que estão sendo feitas na medicina, em nível mundial, em que a prática de *Yoga* está sendo utilizada como complemento no tratamento de câncer, obesidade, dor crônica e doenças cardíacas, respiratórias e psiquiátricas. Na mesma reportagem, Marcos Rojo, professor e pesquisador de *Yoga* na Universidade de São Paulo, lembra que “a preocupação com o alinhamento e o tônus muscular – questões relacionadas com a parte física – foram acrescentadas após a ocidentalização da prática”.

Já a reportagem da Revista Veja, edição nº 1829, de novembro de 2003, aponta os caminhos que essa prática milenar seguiu ao se ocidentalizar, lembrando também o momento do encontro entre Ocidente e Oriente através do movimento de contracultura do começo dos anos 1970, em que o *Yoga* está inserido em um outro contexto:

São, no Brasil, a face mais conhecida da legião de convertidos à mais recente onda em matéria de condicionamento físico: a ioga. Nas academias, nos programas de televisão, nos vídeos de fitness e até na classificação das prateleiras das grandes livrarias, ioga – aquele conjunto de exercícios tranquilos e lentos, muito recomendados antigamente para grávidas e senhoras idosas – virou sinônimo de ginástica puxada. E, com base muito mais no desejo que na realidade, ginástica capaz de modelar corpos [...] ioga e orientalismos afins, que nos tempos dos hippies e da contracultura faziam parte do arsenal de resistência aos valores da então execrada sociedade de

<sup>53</sup>KUPFER, P., op. cit., p. 20-21.

<sup>54</sup>NUNES, T. C. L., op. cit., p. 18.

<sup>55</sup>PEREIRA, Cilene; TARANTINO, Mônica. Todo o poder da ioga. *Isto É Independente*. Edição nº 2169, Jun. 2011. Disponível em <[http://www.istoe.com.br/reportagens/140391\\_TODO+O+PODER+DA+IOGA](http://www.istoe.com.br/reportagens/140391_TODO+O+PODER+DA+IOGA)>. Acesso em 10.06.2011.

consumo, tornaram-se atividades das mais lucrativas, administradas com técnicas empresariais modernas.<sup>56</sup>

Na seção de cartas, da mesma revista, porém na edição nº 1830, também de novembro de 2003, o professor José Hermógenes escreve à *Veja*:

Declarei a *VEJA* quanto lamento ver *Yoga* sendo transformado de algo milenar, santo e sagrado em mero objeto de consumo, atendendo às necessidades imaturas das multidões, que agitadamente compram ginástica supondo ser *Yoga*, comendo a casca da fruta e jogando fora a polpa.<sup>57</sup>

Pereira alega que é bem provável que a ênfase que o *Hatha-Yoga* dá ao corpo físico tenha sido justamente o motivo que o levou a ser a vertente que mais tenha se popularizado no Ocidente. Ainda, segundo ele, “no Ocidente o que se tornou mais proeminente foi a atividade mental, o dinamismo, a tecnologia, o som, enquanto no Oriente o que se destacou foi a quietude mental, a receptividade, o silêncio”.<sup>58</sup> Essa forma com que o ocidental enxerga o mundo pode ter contribuído de forma ímpar para que tenha havido as adaptações e reapropriações não só do *Yoga*, mas neste caso aqui, especificamente dele. E eu me arriscaria até em afirmar serem adaptações necessárias para que essa cultura tivesse a aceitação e a divulgação que teve e que hoje percebemos. Paula Bragaglia, professora de *Yoga* em Florianópolis, declara que, de certo modo, tudo acaba sendo contextualizado e que seria pretensioso demais acreditar que esses conhecimentos milenares pudessem ser transpostos de um lugar para o outro, isentos dessas transformações e adaptações.<sup>59</sup>

Essa apropriação e adaptação de conhecimentos é um fenômeno típico da alta modernidade, segundo o sociólogo britânico Anthony Giddens, que o define como a “reflexividade da modernidade”.<sup>60</sup> Na ótica giddensiana, “nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações”.<sup>61</sup> A modernidade, ao contrário, se apropria desses conhecimentos, porém reconstituindo-os e reorganizando-os a fim de atender às suas necessidades. Ele vai dizer que “a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente

<sup>56</sup>SALOMONE, Roberta. Todo mundo quer fazer yoga. *Veja*. São Paulo: Ed. Abril, Edição nº 1829, Nov. 2003, p. 82-87. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em 16.10.2011.

<sup>57</sup>HERMÓGENES, José. Sessão de Cartas. *Revista Veja*. São Paulo: Ed. Abril, Edição nº 1830, Nov. 2003, p. 27. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em 16.10.2011.

<sup>58</sup>PEREIRA, L. F. op. cit., p. 23.

<sup>59</sup>BRAGAGLIA, Paula. 40 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, outubro de 2009, Lagoa da Conceição, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>60</sup>GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNIESP, 1991. p. 37.

<sup>61</sup>*Ibidem*, p. 38.

examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter”.<sup>62</sup>

Diante disso é que se pode perceber que os movimentos de contestação e recusa aos valores vigentes proporcionados pela sociedade urbana e de consumo, estavam insatisfeitos com o modelo de vida ocidental, tecnocrata e repressor. Eles encontraram nas tradições orientais uma nova forma de enxergar o mundo, cuja espiritualidade oportunizaria a busca pelo autoconhecimento. Descobriram no Hinduísmo, e mais especificamente no *Yoga*, toda uma filosofia que prega o não-dualismo, o equilíbrio entre mente, corpo e espírito, não obstante fazendo uma apropriação desses conhecimentos e os adaptando aos moldes ocidentais, que primam pelos aspectos corporais, o que facilita o entendimento do motivo pelo qual houve uma maior procura e aceitação do *Hatha Yoga*.

Podemos assim, associar essas afirmações às críticas que Feuerstein fez à ocidentalização do *Yoga*, que “de uma disciplina espiritual rigorosa, passou a ser um sistema ‘instantâneo’ de condicionamento físico”.<sup>63</sup> Pereira ainda encontra justificativa dessa ressignificação em Joana Raquel Santos Almeida, ao afirmar que

O *yoga* foi aos poucos sendo apresentado aos ocidentais sob uma forma laica, através de um conhecimento prático e corporalizado. Essa ênfase em um *yoga* técnico e corporalizado foi uma maneira de inserir o *yoga* em uma cultura que preza por uma mentalidade técnica, de validação dos objetos através de provas empíricas concretas.<sup>64</sup>

Camila Reitz Felipe, que também é professora de *Yoga* em Florianópolis, vê com ressalvas essa apropriação e adaptação que o Ocidente fez do *Yoga*, principalmente relacionado à sua massificação e transformação em produto para consumo. Por um lado, isso o tornou mais acessível, proporcionando a popularização de sua prática, como ela mesma declara – “eu acho que quanto mais *Yoga*, mais *Yoga*. Assim, quanto mais pizzeria abrir na cidade, mais gente vai comer pizza”<sup>65</sup> – no sentido de que esses espaços proporcionam um primeiro contato e a oportunidade dessas pessoas conhecerem o que é *Yoga* e, posteriormente, irem em busca de aprimoramento em centros especializados. Por outro lado, sua preocupação volta-se para a falta de preparo de boa parte dos professores que, através de cursinhos de poucos meses acham que já estão prontos para dar aula, o que acaba se transformando em

<sup>62</sup>Ibidem, p. 39.

<sup>63</sup>FEUERSTEIN, G. op. cit., 2005. p. 23.

<sup>64</sup>ALMEIDA, J. R. S, 2003. Apud PEREIRA, L. F. op. cit., p. 24.

<sup>65</sup>FELIPE, Camila Reitz. 36 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, setembro de 2009, Centro, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

uma coisa muito superficial, quando o *Yoga* na verdade é muito mais do que *âsanas e prânâyâmas*. Isso é só a “ponta do *Iceberg*”.

Neste aspecto, é preciso relativizar a ideia que o *Yoga* perdeu a sua essência ao se ocidentalizar e sofrer essas adaptações. É fato que muitas pessoas vão procurar o *Yoga* em busca dos benefícios que a prática regular acaba proporcionando, como os exemplos anteriormente citados por Feuerstein, muitas vezes até por recomendação médica. O que não pode deixar de ser considerado também, é que boa parte dessas pessoas, ao se aprofundarem um pouco mais na prática, logo descobrem ou em leituras, ou em conversas a outra parte do *Iceberg* que até então estava submersa, mas que emerge e faz despertar o interesse por buscar outras experiências, mesmo que o que as tenha levado a uma academia seja a ideia simplista de que *Yoga* são técnicas de alongamento e condicionamento físico. “Pedroca” de Castro, também instrutor de *Yoga* na capital, enfatiza:

[...] e se alguém que vai lá porque, ah eu quero só alongar, tem várias opções na academia para só alongar, mas ele pode descobrir que ele gostou daquilo, mesmo que ele chegou com uma outra ideia. Então, você vai aprender a respirar melhor, vai aprender a relaxar, concentrar, e isso se aplica para todo mundo. Quando você aprende a respirar no *Yoga* você aprende a controlar emoções, então abrange tudo. Porque a maioria das pessoas não vai procurar o *Yoga* pela essência. Vai por qualquer motivo, o médico mandou, o amigo ouviu alguém que pratica falar muito bem, tá. O *Yoga*, ele tem uma meta que é uma meta de autoconhecimento, aí quando você vai fazer, quando você está praticando pelo prazer você encontrou a essência.<sup>66</sup>

Kupfer também demonstra preocupação com a prática pela prática, sem o aprofundamento filosófico e o discernimento que deve estar sempre presente em quem pretende levar o *Yoga* a sério, quando ele diz “a responsabilidade do praticante sério está justamente em assumir para si essa tarefa de discernir e ajudar os demais a discernirem o que vale do que não vale. O que é eficiente do que não é eficiente para curar algum mal.” Para ele,

A prática de *Yoga* é uma preparação prévia, para nos qualificar para o conhecimento libertador. O *Vishnu Purana* diz que a prática é um olho e o estudo o outro. Sem mantermos ambos bem abertos, não poderemos ter sucesso no caminho do *Yoga*. O conhecimento sobre si mesmo não pode derivar de uma experiência qualquer, incluindo-se aqui as práticas de *âsana* e meditação. Portanto, para obtermos liberdade (*moksha*), é preciso sim algo mais do que apenas fazer a prática. Como sabemos, a identificação do ego com o corpo é algo natural. Se fizermos a prática sem consciência nem

---

<sup>66</sup>CASTRO, Pedro Luiz do Rego Monteiro de. 54 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, maio de 2011, Praia Mole, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

compreensão do contexto, poderemos acreditar que ela é algo físico, e acabaremos confundindo os meios com os fins, como é tão comum nos dias de hoje.<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup>KUPFER, Pedro. *Coincidência, superstição e causalidade*. Jul. 2009. Disponível em <<http://www.yoga.pro.br/autor/7/0/pedro-kupfer/7>>. Acesso em 20.08.2009.

## CAPÍTULO II – O *Yoga* no cenário nacional: de Rezende a Florianópolis.

No Brasil, a chegada da prática de *Yoga* já esteve mais inserida no movimento Nova Era do que mesmo associada à transgressão dos *hippies*. O movimento de contracultura já havia mudado um pouco suas características, marcado por um forte ecletismo que se manifestava na forma de lidar com o sagrado e também na forma de lidar com o próprio corpo. Novas questões foram incorporadas, como na área da saúde, da preservação ambiental, da produção de alimentos, na busca por uma melhor qualidade de vida. Questões que faziam parte do “ecclético ideário da Nova Era”, para retomar uma expressão de Magnani.

São poucas as publicações acerca da introdução do *Yoga* no Brasil, motivo pelo qual o Atlas do Esporte no Brasil,<sup>68</sup> publicado pelo Confef – Conselho Federal de Educação Física, acabou sendo a principal fonte para a checagem de dados, confrontados com artigos disponíveis na Internet. Śrī Sêvanânda Swami, cujo nome verdadeiro era Leo Alvarez Costet de Mascheville, um francês, foi quem oficialmente trouxe o *Yoga* para o Brasil, no início da década de 1950. Viajando pelo país, fazendo conferências e fundando grupos de praticantes em várias cidades, como o Monastério Essênio e Ashram de Sarva Yoga "Amo-Pax" em Rezende (RJ), ou o Retiro Alba Lucis em Lages(SC). Segundo André DeRose, Sêvanânda era versado em diversos conhecimentos de cunho esotérico, que ele cita como sendo uma

verdadeira mistura esotérica e espiritualista transcendental: Sufismo, Yoga e Yogaterapia, Kabbala, AyurVeda, Cristianismo Esotérico, Ciências Herméticas, Astrologia e Astrosfia, Filosofia Transcendental, Alimentação, todas as matérias do Martinismo e da Rosa-Cruz. Curas Místicas sob a orientação do MESTRE PHILIPPE, Budismo e Gnose.<sup>69</sup>

Mesmo que não haja menção explícita do envolvimento de Sêvanânda com o MNA, fica evidente através desse relato o ecletismo dos seus estudos, típico da Nova Era. Além de Sêvanânda, quem o ajudou na fundação do Monastério Amo-Pax foi Vayuânanda, cujo nome era Ovídio Juan Carlos Trotta. Segundo o Atlas, foi na década de 1950 que começaram a surgir os professores que “influenciariam o desenvolvimento da ioga no Brasil”, vindos da experiência de Rezende. Foram eles: o médico psiquiatra Alberto Lohman, o pioneiro a levar o *Yoga* aos hospitais psiquiátricos, José Hermógenes, Caio Miranda e Jean Pierre Bastiou,

<sup>68</sup>DACOSTA, Lamartini P. (Org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. Disponível em <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/133.pdf>>. Acesso em 05.11.2011.

<sup>69</sup>DEROSE, André. *Sêvanânda Swâmi*. Disponível em <<http://www.yogapequenaindia.com/news/voc%C3%AA%20sabe%20quem%20trouxe%20o%20yoga%20para%20o%20brasil-/>>. Acesso em 11/08/2011.



professor de Educação Física, também francês, que fundou a primeira academia de *Yoga* no Brasil, em 1957, sendo também “o responsável em levar o primeiro grupo de estudantes à Índia, objetivando a formação dos primeiros instrutores de Ioga no Brasil”, ainda segundo o Atlas. Na década de 1960, o grande destaque foi o lançamento dos dois primeiros livros sobre *Yoga* no Brasil. Primeiramente *A Libertação pelo Yoga*, de Caio Miranda, em 1960, seguido de *Auto-perfeição com Hatha-Yoga*, de José Hermógenes, em 1962. Há divergências sobre as obras e suas datas de publicação. O Atlas não cita esse primeiro livro de Caio Miranda, informando que o primeiro livro dele teria sido *Hatha Yoga: a Ciência da Saúde Perfeita*, publicado em 1962. Sobre o livro do professor Hermógenes, consta a data de publicação o ano de 1965. Em entrevista à Revista Trip, em fevereiro de 2007, o próprio Hermógenes afirma que o livro foi publicado em 1960.<sup>70</sup>

Na mesma década, outro professor que também surge é Luis Sérgio Álvares DeRose e que ganharia destaque na década seguinte, quando funda a Uni-Yôga e passa a divulgar o Swásthya Yôga,<sup>71</sup> que, segundo ele, é a sistematização do *Yoga* Antigo, Pré-Clássico, e que teria sido codificado por ele mesmo. Atualmente é mais conhecido como Método DeRose. Em 2007, DeRose lança o livro *Tratado de Yôga*, onde faz uma dedicatória aos que, segundo ele denomina, foram ícones do *Yoga* no Brasil: Sêvanânda Swami, Caio Miranda e José Hermógenes. Mais uma vez há divergências com relação às datas de publicação das respectivas obras com o Atlas do Confef:

Dedico esta edição a três ícones do Yôga no Brasil:

A Léo Costet de Mascheville (Sêvanânda), que introduziu o Yôga no nosso país na década de 1950 e influenciou poderosamente os que vieram depois.

Ao general Caio Miranda, autor do primeiro livro de Yôga em língua portuguesa, em 1960, *A Libertação pelo Yôga*, da Editora Freitas Bastos, de quem eu teria muita honra em ser discípulo.

E ao coronel Hermógenes, autor do segundo livro de Yôga de autor brasileiro, em 1962, *Autoperfeição com Hatha Yoga*, da Editora Record, que com suas opiniões soube me obrigar a progredir e chegar onde estou hoje.

Meu reconhecimento a todos eles, sem cujo incentivo esta obra não teria nascido.<sup>72</sup>

<sup>70</sup>MONTEIRO, Karla. Respira fundo. *Revista Trip*. São Paulo: Ed. Trip, n. 152, Fev. 2007. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/56004448/Entrevista-Hermogenes-Revista-Trip>>. Acesso em 12.10.2011.

<sup>71</sup>Swásthya Yôga, conforme definição do próprio DeRose, é o nome da sistematização do Yôga Antigo, Pré-Clássico, o Yôga mais completo do mundo. A característica principal é sua prática ortodoxa denominada ashtânga sâdhana (ashta = oito; anga = parte; sâdhana = prática. Trata-se de uma prática integrada em oito partes. In: DEROSE. *Yôga a sério*. São Paulo: DeRose Editora, 2007. p. 33-35.

<sup>72</sup>DEROSE. *Tratado de Yôga (Yôga Shâstra)*. São Paulo: DeRose Editora, 2007. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=wxWwXtZeAhgC&pg=PA910&hl=pt-BR&source=gbs\\_selected\\_pages&cad=3#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=wxWwXtZeAhgC&pg=PA910&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=3#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 05.11.2011.

## 2.1 O contexto florianopolitano na década de 1970.

Na memória das pessoas que viviam em Florianópolis na década de 1970, tanto as que entrevistei pessoalmente quanto as que aparecem dando seu depoimento no documentário *Ilha 70*, exibido pela RBS TV, no Santa Catarina em Cena, em 2010, a cidade era muito pequena, pacata, e até para uns, provinciana. Para “Ito” Lueneberg,

Florianópolis era uma cidade muito pequena, hoje ela inda não é uma cidade grande, mas ela era uma cidade muito pequena, onde tudo o que havia entre o Morro da Cruz e a ponte, era a cidade. e tinha a parte continental, tinha Coqueiros, que era um local de praias, as casas de praia ficavam em Coqueiros e não na ilha, praticamente era como se fosse uma vila. Ficava tudo entre a ponte, a parte continental como eu falei, também tinha o pessoal do Estreito e o pessoal daqui, então era assim, do Estreito até o Morro da Cruz. Aquilo ali era onde vivia a maior parte da população [...] <sup>73</sup>

Raul Caldas Junior lembra, “a cidade era muito provinciana, tinha todas aquelas características de uma cidade bem pequena, ainda existiam aqueles casarões coloniais, as pessoas, praticamente todo mundo conhecia todo mundo, na maneira de dizer”. <sup>74</sup> Só que, mesmo sendo uma cidade pacata, Florianópolis viveu intensamente a década de 1970, também segundo depoimentos. Em parte, devido ao movimento estudantil que, mesmo em pleno regime da Ditadura Militar, já era bem atuante na cidade, abrangendo tanto os estudantes universitários como os do ensino médio, representados pelo Instituto de Educação, onde já despontava a figura de Rômulo de Azevedo Coutinho, como lembra Elaine Wolter, sua colega e parceira na militância política. Rômulo, mais tarde, se tornaria acupunturista e teria sido um dos pioneiros nesse campo de medicina “alternativa” na capital catarinense, na década de 1970. Para ela, o movimento estudantil naquela época era muito forte. E isso estava diretamente relacionado com o regime de exceção imposto pela Ditadura Militar. Ela lembra,

Sim, porque a gente tinha uma ditadura, e sempre que existe uma ditadura o povo é contra, né, porque eu acho que preza-se sempre a liberdade, a gente sempre quer a liberdade de expressão, e sempre que essa liberdade de expressão te é tolhida, tu vai lutar contra, independente de ser os militares que estão no poder ou de ser os civis, ou de ser quem que seja, qualquer

<sup>73</sup>LUENEGERG, José Luiz. 55 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, abril de 2010, Sambaqui, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>74</sup>*Ilha 70*. Roteiro e Direção: Marcos Martins e Loli Menezes. Direção de Produção: Renato Turnes. Coordenação do Santa Catarina em Cena: Anselmo Prada. Florianópolis: Vinil Filmes, 2010. (44 min.), son., color. Realização: RBS TV.

ditador vai ser sempre contestado, eu acredito, pelo menos, dificilmente um ditador não vai ser contestado, não é, e não vai ter movimentos contrários.<sup>75</sup>

Na área política, esse papel de contestação aberta caberia aos estudantes. Para Valter José da Luz, “era difícil haver um tipo de protesto onde os estudantes não estivessem metidos, não é, não estivessem participando, era muito raro. Os estudantes estavam sempre à frente de tudo”.<sup>76</sup> Nildo José Martins, que foi membro do DCE da Universidade Federal de Santa Catarina em 1979, enfatiza as bandeiras de luta do movimento estudantil, que eram “a democracia, a liberdade de expressão, a luta por uma assembleia constituinte livre, soberana e democrática”. Ele lembra dois acontecimentos que, para ele, marcaram muito a década de 1970 no plano político, e que envolveram estudantes. O primeiro ocorreu entre 1975 e 1976, que foi a chamada “Operação Barriga Verde”, em que o regime militar prendeu vários militantes de esquerda, entre estudantes e membros do PCB. Sobre esse episódio ele recorda,

[...] conheci todo um pessoal, estudante, professor universitário, que viveram e sofreram a chamada Operação Barriga Verde, que foram presos e torturados, o que acabou com a vida dessas pessoas, elas foram altamente prejudicadas por conta disso, em todos os sentidos, economicamente, psicologicamente, mas eu vivi o período de transição e esse período foi, de certa forma, bem atuado, as forças democráticas aqui em Santa Catarina e em Florianópolis, com o movimento estudantil que soube, de certa forma, acelerar esse processo de transição democrática.<sup>77</sup>

O segundo episódio, e que teve grande repercussão nacional, ocorreu em 1979 com a vinda do presidente General Figueiredo a Florianópolis, episódio que ficou conhecido como a Novembrada. O Sr. Valter José da Luz, que na época era o dono do Café Ponto Chic, localizado na esquina das ruas Felipe Schmidt com a Trajano, acompanhou de perto a confusão que se armou devido ao protesto de manifestantes contra o presidente, que iniciou na Praça XV em frente ao Palácio Cruz e Souza e se estendeu até o Ponto Chic, onde a comitiva do General Figueiredo havia programado tomar um café. Ele conta,

E eu vi que estava demorando, e vi que tinha alguma coisa estranha, “olha, tá uma confusão lá com o presidente, ali na Praça XV”, e eu fui lá espiar. Tava feia a coisa lá, a confusão começou no Palácio. O Bornhausen era o

<sup>75</sup>WOLTER, E. op. cit.

<sup>76</sup>LUZ, Valter José da. 70 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, abril de 2010, Centro, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>77</sup>MARTINS, Nildo José. 57 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, novembro de 2009, Ingleses, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

governador, aí eu “olha, pessoal, não sei se o homem vai vir aqui, não, porque a coisa pro lado de lá tá feia”, a cavalaria, a polícia, carros da polícia, estava tudo muito confuso. Mas vamos esperar, e eles vieram, só que junto com eles veio uma turba desgraçada, e eu fiquei olhando, do lado de fora do Ponto Chic, que fica ali na confluência da Felipe Schmidt com a Trajano, e eu vi que pela Felipe Schmidt vinha a turma, mas eu olhava na esquina, lá do outro lado, no aterro da baía, vinham vindo os estudantes da rivalidade. Eu pensei, não posso perder isso, vai dar confusão, vão se encontrar aqui. Não deu outro bicho, eles entraram e deu aquela confusão toda.<sup>78</sup>

De fato, a Novembrada acabou entrando para o imaginário coletivo como um momento histórico de orgulho para os florianopolitanos. Foi um momento em que a cidade enfrentou de peito aberto o regime militar, e é lembrado por muitos como um fator determinante para a mudança do quadro político do país. Fernanda Lago recorda “Quando a gente soube da Novembrada, aquilo foi comemorado como uma vitória, assim – oba, a gente não aguenta tudo, tem horas que a gente descarrega, que legal – e Florianópolis descarregou na frente de todo o Brasil, não é, porque até então nunca tinha acontecido isso”.<sup>79</sup> “Cacau” Menezes enfatiza a repercussão no âmbito nacional, quando ele diz: “Eu cheguei no Rio de Janeiro depois daquilo, na praia, me identifiquei como florianopolitano, eles só faltaram me jogar pra cima. Aquilo ali começou a dar moral”.<sup>80</sup> Sentimento compartilhado pelo Sr. Valter, do Ponto Chic. Para ele,

[...] foi impressionante para nós, naquela época. E foi bom, porque mudou o destino da política no Brasil, aquilo ali. Eu acho, eu acho, para não dizer que tenho certeza, que nós mudamos, em toda a nossa vida, nós mudamos os rumos da política do Brasil, Florianópolis. Se não tivesse havido aquilo, não sei não, se nós ainda não continuávamos naquele regime. Já estava partindo para mudanças, mas aquilo foi o estopim.<sup>81</sup>

Mas não foi só o movimento estudantil que se manifestou contra o regime de exceção. O comportamento da juventude começava a mudar a partir do final dos anos 1960, início da década de 1970. Mudanças no modo de se portar, no modo de vestir, no modo de agir, influenciados pelo movimento de contracultura que ocorria nos Estados Unidos e na Europa

<sup>78</sup>LUZ, V. J. op. cit.

<sup>79</sup>*Ilha 70*. Roteiro e Direção: Marcos Martins e Loli Menezes. Direção de Produção: Renato Turnes. Coordenação do Santa Catarina em Cena: Anselmo Prada. Florianópolis: Vinil Filmes, 2010. (44 min.), son., color. Realização: RBS TV.

<sup>80</sup>*Ilha 70*. Roteiro e Direção: Marcos Martins e Loli Menezes. Direção de Produção: Renato Turnes. Coordenação do Santa Catarina em Cena: Anselmo Prada. Florianópolis: Vinil Filmes, 2010. (44 min.), son., color. Realização: RBS TV.

<sup>81</sup>LUZ, V. J. op. cit.

inicialmente, e em vários outros países. “Ito” Lueneberg faz o seguinte comentário com relação a esse momento:

[...] ao mesmo tempo estavam chegando aqueles movimentos que vinham de fora, que se conhecia, que era o movimento *hippie*, paz e amor, essa coisa toda que era muito nova, e, diante disso, a população jovem da época começou a se extravasar por aí, mudando seus hábitos com relação ao que vestia, cabelos compridos. Ninguém estava apenas deixando o cabelo crescer e usando uma calça extravagante, uma camisa extravagante, a gente não estava só querendo ser rebelde com cabelos e roupas. Eu acho que tudo era uma maneira de se rebelar contra as coisas, no mundo inteiro, e aqui também, por sua vez.<sup>82</sup>

Para Caldas Junior, a década de 1970 foi “um momento em que a juventude começou a se despir, não só das vestes como dos pudores”.<sup>83</sup> Essa mudança de comportamento fez-se presente na moda, nas artes, na música, no teatro, enfim, em vários segmentos onde os jovens pudessem demonstrar sua insatisfação ante ao mundo que se apresentava. Era uma rebelião pacífica de uma juventude insatisfeita e que queria mudanças. Juliana Wosgraus recorda:

Nos anos 70 a gente contestava até pela roupa. Eu tinha um chapeuzinho de cetim cor de rosa com jeans, que eu não tirava. No inverno era um casacão até o pé, com um short com uma botinha por cima do joelho, que era um absurdo andar na rua. Eu lembro eu e o Ito na Praça XV, e ele com uma calça inteira com a lateral bordada de lantejoulas, e um taxista falar “nossa, e isso não vai para a cadeia”. A roupa, ela agredia.<sup>84</sup>

Ana Maria Maia Ramos é da mesma opinião. Para ela “o jovem cabeludo com roupas espalhafatosas realmente chocava, pelo menos a algumas pessoas da nossa sociedade”.<sup>85</sup> E foi com esse desejo de agredir e de chocar, que boa parte da juventude florianopolitana aderiu ao movimento de contracultura que desembarcava na Ilha de Santa Catarina no começo daqueles anos 1970. Se os estudantes, com suas manifestações políticas, bateram de frente com o regime militar, os cabeludos, inspirados nos *hippies*, protestavam contra o poder estabelecido com seu comportamento extravagante.

Édio Nunes afirma

---

<sup>82</sup>LUENEGER, J. L. op. cit.

<sup>83</sup>*Ilha 70*. Roteiro e Direção: Marcos Martins e Loli Menezes. Direção de Produção: Renato Turnes. Coordenação do Santa Catarina em Cena: Anselmo Prada. Florianópolis: Vinil Filmes, 2010. (44 min.), son., color. Realização: RBS TV.

<sup>84</sup>Idem.

<sup>85</sup>Idem.

Acho que a transformação social ditada a partir do final dos anos 1960, 1968, estava criando uma dimensão muito forte. O mundo passava a ser outro a partir do início dos anos 1970, final dos anos 1960, sem dúvida alguma. Alguns aderindo intensamente às alterações que o mundo estava sofrendo, e outros segmentos confrontando e reprovando aquele novo mundo que se apresentava a partir dali.<sup>86</sup>

Ricardo Machado<sup>87</sup> faz questão de frisar

Queríamos mudar por gesto e por palavras: paz e amor. E marcamos muitos pontos nessa guerrilha sem armas de fogo. Avançamos sobre o estabelecido, desafiamos o velho (e nossos coroas idem), enfrentamos preconceitos, quebramos normas e tabus. Era preciso reconstruir...<sup>88</sup>

A música foi outro fator de manifestação e rebeldia dessa juventude. E o gênero que foi amplamente aceito por esse grupo que fazia questão de se mostrar diferente no modo de vestir e pensar não poderia ser outro: o rock. O poderoso som das guitarras elétricas e das melodias alucinantes de bandas como Led Zeppelin, Deep Purple e Black Sabbath, logo logo já estavam “fazendo a cabeça da galera” que, inspirada na repercussão do Festival Woodstock que havia ocorrido no final da década anterior nos Estados Unidos, trataram de realizar o seu próprio festival de música, o Palho’s stock, em outubro de 1974, produzido pelos amigos Edgar Scheidt, Jacob Carlos Silveira e Baldicero Filomeno Junior.

Se até então os jornais locais, quando noticiavam algo que envolvesse jovens “*hippies*” os relacionavam ao uso de drogas, como na matéria de capa e de última página do jornal O Estado, do dia 06 de maio de 1970, que diz: “A ‘*hippie*’ que perdeu sua liberdade” (capa), e “Polícia prende *hippie* que comprava tóxicos” (última página), já na extensa matéria sobre o festival de música em Palhoça, de 19 de outubro de 1974, veiculada no mesmo jornal, o tom é bem outro:

A langorosa Palhoça nunca viu gente tão estranha e tão sordidamente trajada. Há quem vista **jeans**, mini-saia, casaco de pele de cabrito, ou uma refrigerada tanga. Um palanque foi erguido ao ar livre, e igualmente livre será o som à partir das 16 horas de hoje. Vai começar a

#### MARATONA DO SOM

<sup>86</sup>Idem.

<sup>87</sup>Ricardo Machado é colunista do Jornal Notícias do Dia, e em sua coluna ele assina como Ricardinho Machado, como é conhecido no meio. Assim será referenciado, daqui para frente.

<sup>88</sup>MACHADO, Ricardo. Floripa sempre foi uma grande festa. *Notícias do Dia Online*. Florianópolis, Ago. 2000. Disponível em <<http://www.ndonline.com.br/florianopolis/colunas/materia/slug/floripa-sempre-foi-uma-grande-festa>>. Acesso em 08.09.2011.

[...] alguns assistentes mais apressados já começaram a instalar suas barracas e circular no estádio, com suas roupas exóticas e o linguajar caracteristicamente carregada de gírias, na tarde de ontem, a espera do I Festival de Música Pop, com início previsto para as 16 horas de hoje, em Palhoça. São os primeiros de uma avalanche de “loucos” que está circulando nas estradas que convergem ao Estado [...] <sup>89</sup>

Érico Verícimo recorda, “Era rock’n roll puro, e aí foi feito um Woodstock, e foi fantástico, para nós, assim, nem imaginávamos, entrar num estádio de futebol, todo mundo embarracado por lá...” <sup>90</sup> A referência ao Woodstock fica evidente, na imagem de um jornal local da época, extraída do documentário *Ilha 70*.



Festival Palho'stock <sup>91</sup>

Outro evento que marcou a cidade na década de 1970 foi também um festival de música realizado entre os dias 17 e 18 de julho de 1976, na Praia da Joaquina: Rock, Surf & Brotos, nome homônimo do jornal dos idealizadores do festival, “Cacau” Menezes e “Ricardinho” Machado. Foi o primeiro campeonato de surf no Estado de Santa Catarina. O evento aproximou várias tribos, entre elas a dos surfistas e dos roqueiros. Para “Ricardinho”, “o rock e o surf estavam se conjugando já, faltava um elemento que era fundamental na adolescência

<sup>89</sup> Maratona do Som. *O Estado*. Florianópolis, 19 out. 1974. Seção Cidade, p. 12.

<sup>90</sup> *Ilha 70*. Roteiro e Direção: Marcos Martins e Loli Menezes. Direção de Produção: Renato Turnes. Coordenação do Santa Catarina em Cena: Anselmo Prada. Florianópolis: Vinil Filmes, 2010. (44 min.), son., color. Realização: RBS TV.

<sup>91</sup> Imagem extraída do documentário *Ilha 70*.

nossa, que eram as meninas. Se resolveu conjugar as três e fazer uma festa na Joaquina que ainda não tinha, e nem um campeonato oficial”.<sup>92</sup> “Cacau” Menezes afirma que

O que chamou a atenção nesse festival e que deu muita gente foi o cartaz. Nós fizemos um cartaz alucinante, que acabou capa do nosso jornal. Nós tínhamos um jornal, eu e o Ricardinho, chamado Rock, Surf & Brotos, que era um jornal de graça, dirigido à juventude, distribuído em lojas, universidades, nas escolas, nos bares, nos *points* da juventude.<sup>93</sup>

Na edição nº 1679 de 30 de julho de 2011, o jornal Notícias do Dia publicou na capa, chamada para a reportagem das páginas 06 e 07 do Caderno de Esportes, com os dizeres “Dinossauros do surfe. Joaquina. Surfistas comemoram os 35 anos do Rock, Surf & Brotos, o primeiro campeonato da Ilha”,<sup>94</sup> com foto da velha guarda de surfistas junto com “Ricardinho” Machado, e do cartaz do festival. Os jornais da época também publicaram o evento, porém o destaque maior não seria nem para o rock, nem para o surf e muito menos para os brotos. O que os jornais enfatizavam foi a ação policial da Delegacia de Tóxicos no primeiro dia do evento, onde 40 pessoas foram detidas. O jornal O Estado publicou, no dia 18 de julho de 1976:

Em diligência realizada na estrada que dá acesso à Praia da Joaquina, as autoridades prenderam aproximadamente 40 pessoas, entre homens e mulheres, com idade média de 20 anos, que de um modo ou de outro estão envolvidos com a maconha. Estes elementos vieram a Florianópolis, procedentes de diversas cidades catarinenses, bem como de outros estados da Federação, para participar do festival de Surf, Rock e Brotos, na Praia da Joaquina, que está sendo realizado neste final de semana.<sup>95</sup>

A chamada do jornal Diário Catarinense do dia 21 de julho seria bem mais radical: “Delegacia de Tóxicos prendeu 40 viciados durante o festival do rock”.<sup>96</sup> Sobre o incidente envolvendo a polícia, “Ricardinho” Machado comenta: “Foi a primeira multidão na Joaquina

<sup>92</sup>*Ilha 70*. Roteiro e Direção: Marcos Martins e Loli Menezes. Direção de Produção: Renato Turnes. Coordenação do Santa Catarina em Cena: Anselmo Prada. Florianópolis: Vinil Filmes, 2010. (44 min.), son., color. Realização: RBS TV.

<sup>93</sup>Idem.

<sup>94</sup>Dinossauros do surfe. *Notícias do Dia*, Florianópolis, ano 6, n. 1679, 30 Jul. 2011. Capa.

<sup>95</sup>40 detidos na operação Surf da Delegacia de Tóxicos. *O Estado*, Florianópolis, 18 Jul. 1976. p. 12.

<sup>96</sup>Delegacia de Tóxicos prendeu 40 viciados durante o festival do rock. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 21 jul. 1976. p. 08.



e, naturalmente, onde tinha multidão tinha polícia, não para controlar o tráfego, mas o tráfico. Prenderam lá uns dois, três baseados e prenderam mais de trezentas pessoas”.<sup>97</sup>

Uma charge publicada no jornal O Estado no dia 20 de julho chamava a atenção para outro aspecto que apareceu em alguns depoimentos, que era a questão de se atribuir aos jovens daquela época o rótulo de alienados. “Ito” Lueneberg comenta essa ideia, dizendo que

Não, não eram alienados, na verdade. Todo mundo gostava muito de arte, de cinema, de tudo, de música, não tem alienação nisso. Talvez a gente não fosse dentro daquele molde das pessoas que trabalham, lêem jornal, fazem isso, fazem aquilo, não era nesses moldes. A gente pegava as informações da nossa maneira, lia uma coisa aqui, outra ali, uma revista que interessava, mas a gente sabia tudo o que estava acontecendo, ninguém estava por fora, não tinha alienação mesmo. A gente sabia tudo, até o que o presidente havia dito à tarde, o que um general havia falado, o que tinha acontecido, o que estava mudando, quando começou a abertura, a gente sabia tudo.<sup>98</sup>

Wolter, que se considerava *hippie* naquela época, também discorda de haver alienação no movimento. Ela é enfática:

Bem pelo contrário, bem pelo contrário. A gente rompia era justamente com a alienação, deles né, porque eles estavam dentro daquele modelinho padronizado, aquelas pessoas que tinham vivido, não sei, talvez as pessoas mais velhas que tinham vivido um pós-guerra, que a gente não viveu, aquela coisa toda, tenham passado por sofrimentos e estavam eufóricos com toda aquela coisa da sociedade de consumo, enfim, e a gente não achava nada disso porque se informava [...] A juventude da época era uma juventude que primava pela literatura, por saber coisas, por conhecer coisas, por se politizar, por saber o que estava acontecendo em outros países. Eu não sei se hoje, porque a gente está mais velho, a gente não vê a juventude assim, mas me parece que naquela época a juventude era mais culta, discutia mais sobre cultura, sabia mais sobre cinema, sobre literatura, sobre arte em geral, sobre movimentos, enfim. Eu era hippie, quer dizer, eu participei do movimento que contestava todo aquele *status quo*, aquela coisa toda, aquele imperialismo americano, aquela ditadura americana em cima da gente, de ter que andar com a calcinha Lewis, ter que andar com o tenisinho não sei que marca era na época, e tal. A gente rompeu com esses princípios.<sup>99</sup>

Para Walmor de Oliveira,

Ah, olhar aquela época – era um bando de maluco – longe disso. Eu vejo muito mais alienação hoje em dia, numa juventude, numa garotada de hoje

<sup>97</sup>*Ilha 70*. Roteiro e Direção: Marcos Martins e Loli Menezes. Direção de Produção: Renato Turnes. Coordenação do Santa Catarina em Cena: Anselmo Prada. Florianópolis: Vinil Filmes, 2010. (44 min.), son., color. Realização: RBS TV.

<sup>98</sup>LUENEGERG, J. L. op. cit.

<sup>99</sup>WOLTER, E. op. cit.

do que naquela época. Naquela época a gente estava muito mais preocupado em fazer um mundo melhor, seja através da cultura, da arte, da música, da profissão, do que hoje em dia.<sup>100</sup>

Fica evidente nos depoimentos que para essas pessoas, tivessem elas participado ativamente do movimento de contracultura ou não, elas não se consideravam alienadas, como implicitamente sugerido pela charge do jornal.



Charge sobre o festival de surf na Praia da Joaquina<sup>101</sup>

Sandra Meyer acha que já estava havendo uma “mistura” entre o movimento *hippie* e o surf, que, de certa forma, também era “meio alternativo”.<sup>102</sup> O pessoal do surf estava descobrindo a Ilha, o acesso às praias era muito precário, então, esses aventureiros do surf

<sup>100</sup> *Ilha 70*. Roteiro e Direção: Marcos Martins e Loli Menezes. Direção de Produção: Renato Turnes. Coordenação do Santa Catarina em Cena: Anselmo Prada. Florianópolis: Vinil Filmes, 2010. (44 min.), son., color. Realização: RBS TV.

<sup>101</sup> *O Estado*, Florianópolis, 20 out.1974. p. 04. Fala do surfista: “Se liga, cara. O Elvis disse, tá dito!”

<sup>102</sup> *Ilha 70*. Roteiro e Direção: Marcos Martins e Loli Menezes. Direção de Produção: Renato Turnes. Coordenação do Santa Catarina em Cena: Anselmo Prada. Florianópolis: Vinil Filmes, 2010. (44 min.), son., color. Realização: RBS TV.

tinham um estreito contato com a natureza, vivendo “intensamente o que a Ilha oferecia”, como lembra Celso Ramos Neto.<sup>103</sup>

E como não poderia deixar de ser diferente, em todo o lugar, em qualquer época, sempre há um local onde as pessoas costumam se encontrar para confraternizar, para se socializar. A nem tão pacata assim Florianópolis daqueles anos 70 também tinha o seu ponto de confluência, onde a juventude “alternativa”, manifestada em suas diversas “tribos”, se encontrava, fossem *hippies*, roqueiros, surfistas, “cocotas” ou estudantes. Esse local era o Kioski, um barzinho que ficava no Largo Benjamin Constant, entre as Ruas Trompowsky e Vitor Konder, no Centro. Hoje no local existe uma floricultura, a Florabel, cuja proprietária, Dna. Luiza é a antiga dona do Kioski. Ali todos se encontravam, segundo vários depoimentos. “Itô” Lueneberg diz que o Kioski “era o ponto de todo mundo, tinha desde surfistas, o pessoal da *Yoga*, os artistas, reunia um monte de gente, era onde todo o pessoal se reunia”.<sup>104</sup> Para Fernando Bahia, “a contracultura aqui dentro de Santa Catarina pode-se dizer que ela começou a se manifestar no Kioski”.<sup>105</sup> Wolter também confirma que a contracultura de Florianópolis se fazia presente naquele espaço. Ela diz: “Ali se reunia o povo todo. Era geral, era uma coisa eclética, mas o povo, aqueles que eram considerados mais do movimento, mais da contracultura, estavam sempre ali”.<sup>106</sup> A lembrança que Martins tem do Kioski igualmente confirma a frequência de pessoas ligadas à contracultura. Ele recorda: “Era como eu diria, um ponto de encontro de uma juventude da classe média que contestava o regime, mas em um outro ângulo, no mundo da cultura essencialmente, e ali surgiu alguns do movimento da contracultura”.<sup>107</sup>

Pude perceber na expressão da maioria dos entrevistados que citou o Kioski, um quê de saudade, de carinho ao recordar um dos locais que realmente marcou toda uma geração. Sandra Meyer, no depoimento ao Ilha 70, expressa muita ternura ao descrever suas lembranças:

Eu acho que a minha primeira lembrança tem a ver com o Kioski, com aquele lugar, aquele espaço físico, porque ele ficava muito entre a minha

---

<sup>103</sup>Idem.

<sup>104</sup>LUENEBERG, J. L. op. cit.

<sup>105</sup>*Ilha 70*. Roteiro e Direção: Marcos Martins e Loli Menezes. Direção de Produção: Renato Turnes. Coordenação do Santa Catarina em Cena: Anselmo Prada. Florianópolis: Vinil Filmes, 2010. (44 min.), son., color. Realização: RBS TV.

<sup>106</sup>WOLTER, E. op. cit.

<sup>107</sup>MARTINS, N. J. op. cit.

casa e o colégio que eu estudava, que era o Coração de Jesus, e aquilo era um roteiro de passagem e de permanência também, a gente ficava horas lá.<sup>108</sup>

## 2.2 A emergência do *Yoga* em Florianópolis.

Retomando o questionamento anteriormente exposto acerca da emergência da prática de *Yoga* na capital catarinense, diversos depoimentos convergem com pesquisa feita por Pereira em 2008. Na década de 1970, uma discípula do mestre Sêvanânda Swami expandiu o *Yoga* em Florianópolis: Dalva Arruda, falecida em meados da década de 1980. Em seguida Joris Marengo,<sup>109</sup> que foi seu aluno e após sua morte assumiu o negócio ao lado do filho da professora Dalva, Luiz Philippe Schmidt de Arruda.

Naquela época, Florianópolis ainda era uma cidade muito pequena, não tinha as características de uma metrópole, como de certa forma ainda não tem até hoje. De acordo com os dados do Censo Demográfico de 1970, a população de Florianópolis era de 138.337 habitantes, contra 609.026 habitantes em Curitiba, e 885.545 habitantes em Porto Alegre, só para citar as capitais da Região Sul.<sup>110</sup> Mesmo assim, já havia a emergência de grupos que se intitulavam alternativos, grupos que estavam “antenados” com os acontecimentos do resto do país e do mundo, de acordo com alguns dos depoimentos anteriormente citados. Esses grupos estavam insatisfeitos, principalmente, com o modelo de sociedade proveniente do capitalismo, uma sociedade consumista e tecnocrata, excludente, situação ainda mais agravada em função da ditadura militar imposta a partir do golpe de 1964.

Contra o sistema representado por esse modelo de sociedade, é que vão emergindo grupos como os *hippies*, com suas atitudes, suas roupas extravagantes e seus cabelos compridos. Sobre a década de 1970, “Cacau” Menezes afirma que “nossas tatuagens, nossos cabelos grandes, nossos chinelos, nossas calças bocas de sino, nossa música, nosso comportamento, isso era uma forma de gritar por liberdade, era uma forma de se manifestar

<sup>108</sup> *Ilha 70*. Roteiro e Direção: Marcos Martins e Loli Menezes. Direção de Produção: Renato Turnes. Coordenação do Santa Catarina em Cena: Anselmo Prada. Florianópolis: Vinil Filmes, 2010. (44 min.), son., color. Realização: RBS TV.

<sup>109</sup> PEREIRA, L. F. op. cit., p. 22.

<sup>110</sup> Fontes:

FUNDAÇÃO IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico*: Rio Grande do Sul. [Rio de Janeiro]: IBGE, 1970. p. 545, v. I, tomo XXI.

FUNDAÇÃO IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico*: Paraná. [Rio de Janeiro]: IBGE, 1970. p. 449, v. I, tomo XIX.

FUNDAÇÃO IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico*: Santa Catarina. [Rio de Janeiro]: IBGE, 1970. p. 349, v. I, tomo XX.

contra o *status quo*, contra o *establishment*".<sup>111</sup> Meyer resume, "esses anos 70 marcam várias mudanças comportamentais nas artes, no jeito de ser, no jeito de namorar, no jeito de pensar o casamento. A gente pode abrir esse leque, acho que de uma forma bem ampla".<sup>112</sup> Contribuíram também para essas mudanças os artistas, o movimento estudantil, cada vez mais engajado em protestos políticos contrários à ditadura, e logicamente aquele grupo de pessoas que foi buscar nas práticas orientais sua forma de elevação espiritual e como projeto de autoconhecimento.

Neste aspecto, o *Yoga* vem ao encontro dessas expectativas, proporcionando, segundo Pereira, "buscar através de uma experiência íntima do Ser humano a (sua) natureza".<sup>113</sup> "Cacau" Menezes ainda complementa dizendo que "a contracultura teve várias tribos dentro dela, o *Yoga* foi mais uma tribo que chegou para se integrar a esse movimento".<sup>114</sup>

Quanto à pesquisa de Pereira, é necessário fazer uma ressalva. Quatro pessoas entrevistadas lembraram a existência de outro instrutor de *Yoga* antes da chegada da professora Dalva em Florianópolis. Philippe Arruda não recorda o nome, mas lembrou que ele era militar e começou dando aulas na Rua Rui Barbosa, na vila militar, e depois se transferiu para Coqueiros. A professora Walnélia Pederneiras recorda que ele era conhecido como Coronel Mendes e dava aulas em Coqueiros. Joris Marengo se lembrou do nome, que era João Mendes. Porém, foi Marilde Rodrigues quem teve maiores lembranças por ter tido aulas durante algum tempo com o Coronel Mendes.

O ano foi 1969, quando após viagem ao Rio de Janeiro no ano anterior, ela começou a praticar e se interessou pelo *Yoga*, decidindo que continuaria a prática aqui em Florianópolis. Soube que o professor Mendes dava aulas na antiga Chácara do Espanha. Ela praticou com ele durante um ano, quando segundo ela "começou a aumentar a frequência e a sala começou a ficar restrita. Depois de alguns meses, o Coronel Mendes teve a oferta de desenvolver as aulas na sede do Clube Doze, em Coqueiros, e para lá foi transferida as aulas de *Yoga*".<sup>115</sup> Ela ainda praticou com mais três instrutoras até conhecer e começar a praticar com a professora Dalva.

---

<sup>111</sup>MENEZES, Cláudio de. 54 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, novembro de 2009, Morro da Cruz, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>112</sup>*Ilha 70*. Roteiro e Direção: Marcos Martins e Loli Menezes. Direção de Produção: Renato Turnes. Coordenação do Santa Catarina em Cena: Anselmo Prada. Florianópolis: Vinil Filmes, 2010. (44 min.), son., color. Realização: RBS TV.

<sup>113</sup>PEREIRA, L. F. op. cit., p. 22.

<sup>114</sup>MENEZES, C. op. cit.

<sup>115</sup>RODRIGUES, Marilde. 84 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, novembro de 2011, Centro, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do autor.

A professora Dalva Arruda, portanto, não foi quem introduziu a prática em Florianópolis. Talvez o que possa ter ocorrido, é que o grande carisma da professora Dalva, isso sim lembrado e salientado por todos entrevistados que a conheceram, fizesse com que no imaginário dessas pessoas ela seja lembrada como a “precursora” do *Yoga* na capital. Associado a isso também, o fato de Joris Marengo ter sido um dos seus primeiros alunos e instrutores, e ter assumido o Espaço Alba Lucis após o falecimento da professora Dalva, possa ter contribuído para que ele também seja apontado por alguns como um dos precursores. Essas duas pessoas, Dalva Arruda e Joris Marengo, portanto, foram fundamentais para a visibilidade do *Yoga* em Florianópolis, mas antes deles, a prática de *Yoga* já era oferecida por outros instrutores.

Dalva Arruda era lageana, e desde o final dos anos 1960 ela já dava aulas em Lages. Seu filho, Luiz Philippe Schmidt de Arruda, conta que a mãe teve sua formação com o mestre Sêvanânda Swami, quando este se encontrava em Lages de passagem, dando palestras sobre “*Yoga*, alimentação natural, sobre contaminação de produtos químicos em alimentos, sobre não comer carne, não usar agrotóxicos”. Nesta época a professora Dalva fazia parte de um grupo espírita kardecista, e Sêvanânda foi dar uma palestra no centro espírita, quando então ela teve o primeiro contato com “filosofias alternativas ligadas ao Oriente”, segundo Philippe Arruda. Ele lembra: “acho que foi a primeira pessoa que fez uma conexão em trazer uma cultura do Oriente, um *Yoga*, respiração, coisas que nunca, na época, nunca tinha se falado, não tinha esse acesso aqui”.<sup>116</sup> A partir desse contato com Sêvanânda e sua esposa Sádhana é que Dalva Arruda teve sua formação em *Yoga*, juntamente com Zenaide de Castro, também uma das precursoras a difundir o *Yoga* em Santa Catarina, através de Lages.

Em 1972 a família Arruda muda-se para Florianópolis e, a partir de 1973, a professora Dalva passa a dar suas aulas em uma sala no Provincialato do Colégio Coração de Jesus, na rua Hermann Blumenau. O lugar recebeu o nome de Núcleo Cultural Alba Lucis, em homenagem ao Retiro Alba Lucis, de Lages. Philippe Arruda afirma que nesse período era mais comum ver senhoras frequentando o espaço na qual sua mãe dava aulas, mas que outro grupo também começou a praticar, como ele diz “os jovens alternativos, vamos dizer, da cultura, que eram os quase *hippies*, que em setenta e poucos descobriram no *Yoga* uma cultura diferente”. Marengo, que afirmou ter sido *hippie* lembra:

---

<sup>116</sup>ARRUDA, Luiz Philippe Schmidt de. 48 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, agosto de 2011, Centro, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do autor.

[...] eu era funcionário público, com dezoito para dezenove anos e soube que havia uma pessoa que praticava, que ensinava yoga no Provincialato Coração de Jesus. Entre essa informação e a decisão de procurá-la levei seis meses, e aí comecei a praticar no dia 13 de Maio de 1976, com a professora Dalva Arruda.<sup>117</sup>

Perguntado sobre o que para ele significava ser *hippie*, ele respondeu:

Hippie era, cabelos longos, principalmente cabelos longos, usar jeans, usar camiseta, usar uma linguagem própria, buscar na natureza uma integração que não encontrava, renegar os valores formais da época, de consumo, mas você precisava de dinheiro para comprar uma calça jeans para ser bacana e ser *hippie*, não é verdade? Então, o sonho acabou.<sup>118</sup>

Assim como Philippe Arruda, Marengo também recorda que o grupo que praticava com a professora Dalva era composto basicamente por senhoras e a “garotada com muita influência *hippie* da época”. Meyer, que também foi aluna da professora Dalva na mesma época, hoje se considera que era “meio *hippie*”. No documentário *Ilha 70* ela aparece ainda jovem, praticando *Yoga* em uma pedra, na Praia da Joaquina, cuja cena foi filmada por Walmor de Oliveira. Sobre esse momento, ela recorda:

Era um momento em que a Joaquina estava sendo descoberta, porque naquela época, eu lembro que eu era mais jovem, as praias que a gente ia veranejar eram as praias do Continente, Itaguaçu. Foi quando eu comecei a fazer o curso de *Yoga*, não era alguma coisa que eu ia lá praticar *Yoga*, mas na época eu fazia *Yoga* e naquela época tinha toda uma relação com a natureza, a gente estava descobrindo esses locais e a gente ia muito para o interior da ilha. Passava as tardes ou fotografando, ou caminhando, conversando, enfim, era uma coisa de estar descobrindo mesmo o interior da ilha. Mas não era uma coisa que eu ia lá na praia fazer *Yoga*. Eu fazia *Yoga* mais na sala de aula mesmo, que era ali atrás do Colégio Coração de Jesus.<sup>119</sup>

---

<sup>117</sup>MARENGO, J. O. op. cit.

<sup>118</sup>Idem.

<sup>119</sup>NUNES, Sandra Meyer. 54 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, maio de 2010, Itacorubi, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do autor.



Sandra Meyer praticando *Yoga* na Praia da Joaquina.<sup>120</sup>

Philippe Arruda salienta que, no seu entender, havia uma aproximação do *Yoga* com o movimento de contracultura. Segundo ele,

Eu acho que foi a primeira coisa, a primeira atividade cultural, a primeira filosofia que apareceu aqui em Florianópolis, onde dava um apoio, um respaldo ao que esses jovens, na época, estavam procurando, que era contra, que era ter uma vida mais saudável, procurar ter um lado espiritual, uma explicação para uma vida que até então não tinha. Todo mundo era católico, mas você questionava a igreja católica, você abandonava a igreja católica. Você ou partia para um lado de busca e o *Yoga* entrou nessa lacuna aí, entrou com quase todas as explicações de uma cultura que estava vivendo a cinco, seis mil anos teoricamente em paz, desenvolvida, sabe, dentro de filosofias muito menos consumistas do que era na época, [...] <sup>121</sup>

Para ele, a professora Dalva tinha conhecimento do movimento de contracultura, dos grupos alternativos, apesar de não ter participado diretamente deles. Ele salienta que “ela nunca foi alternativa, ela nunca foi *hippie*, nunca foi nada, como modo de ser, como modo de viver. A gente era criado dentro dos padrões normais de uma classe média, mas ela era muito aberta a esse tipo...”<sup>122</sup> E esse grupo acabaria ficando cada vez mais eclético, com pessoas que traziam outras bagagens culturais de vida alternativa, de qualidade de vida, como por exemplo a professora Walnélia Corrêa Pederneiras, que hoje ainda pratica e é professora de *Yoga*; o

<sup>120</sup> Imagem extraída do documentário Ilha 70, exibido no programa Santa Catarina em Cena, pela emissora RBS no mês de abril de 2010.

<sup>121</sup> ARRUDA, L. P. S. op. cit.

<sup>122</sup> Idem.



casal Luiz César Caldeira e Leuzi Soares, que mais tarde fundaram a escola Waldorf Anabá, no bairro Itacorubi, que traz uma proposta alternativa de ensino, como recordam “Pedroca” de Castro e Arruda. Fora do circuito do *Yoga*, porém dentro do campo alternativo ainda da mesma época fizeram parte o casal Áquilan e Lilian Klipel, inaugurando um dos primeiros restaurantes vegetarianos da cidade, o Florian Horta, segundo Marengo. Na área de medicina alternativa, introduzindo a acupuntura na capital sobressaíram-se Rômulo Coutinho de Azevedo e Norton Moritz Carneiro.

Voltando à professora Dalva e ao Núcleo Cultural Alba Lucis, desde que veio de Lages, ela dava aula de *Hatha Yoga*. Em 1974 ela conhece DeRose e passa a ensinar o método desenvolvido por ele, com base na prática de Swásthya Yôga. O carisma da professora Dalva Arruda associado ao Método DeRose ajudou a disseminar a prática de *Yoga* em Florianópolis, a partir da segunda metade de década de 1970 e durante os anos 1980. Fazem parte desse primeiro grupo de praticantes Joris Marengo e “Pedroca” de Castro, ambos ainda hoje no Método DeRose, e Sandra Meyer Nunes, que atualmente é professora de dança e substituiu o *Yoga* pelo Pilates. Pedro Kupfer e Camila Reitz Felipe, que hoje são instrutores conceituados, tiveram aulas com Marengo, mas atualmente seguem outras linhas da tradição do *Yoga*. Marengo recorda: “A professora Dalva foi quem realmente fez um trabalho de divulgação, preparou instrutores, me preparou, preparou um monte de gente e a partir dela é que a coisa cresceu”.<sup>123</sup>

Sobre a relação do *Yoga* com práticas alternativas, a professora Walnélia Pederneiras tem uma visão bastante particular, e que não poderia deixar de ser mencionada. Segundo ela, “a busca e a própria postura das pessoas já tinha essa flexibilidade, essa intuição de liberdade”, mas que não tinha a conotação de alternativa, no sentido de contracultura clássica. Assim ela define a busca pelo *Yoga*:

É um encontro... Um encontro muito profundo, muito sério, mas isso o tempo vai mostrando... Acho que é a grande maravilha porque vai se diluindo, ficando cada vez mais simples. No meu trabalho, costumo dizer que nós praticamos ioga na dinâmica da vida. A aula é um lembrete, a grande prática é a dinâmica da sua vida. É essa a proposta do trabalho da gente.<sup>124</sup>

---

<sup>123</sup>MARENGO, J. O. op. cit.

<sup>124</sup>PEDERNEIRAS, Walnélia Corrêa. 61 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, agosto de 2011, Centro, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do autor.

Esse pensamento encerra, na verdade, a ideia de que a prática de *Yoga* não se restringe ao tapetinho. O autoconhecimento é uma busca diária, e quem o busca através do *Yoga* percebe que quando se está consciente no aqui e agora, quando se está pleno onde quer que se esteja, então o *Yoga* começa a se incorporar no seu estilo de vida. Você já não pratica *Yoga*, você vive *Yoga*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante deste contexto é que o *Yoga*, naquele momento, estava inserido, como bem observa Nunes quando ele diz que “o *Yoga* está inserido, no Ocidente, dentro do que chamamos de campo alternativo. Esse campo teve sua origem, e esteve associado a ideais de contestação dos valores da modernidade”.<sup>125</sup> Neste sentido, Florianópolis não foi diferente, muito pelo contrário. O movimento de contracultura esteve muito presente em Florianópolis já no começo da década de 1970 com os ideais dos *hippies*, contrários à sociedade de consumo representada pelo modelo estadunidense do *american way of life*. O que se pode perceber é que muitos dos praticantes de *Yoga* na capital catarinense tinham, em maior ou menor grau, envolvimento com o movimento de contracultura. Alguns tiveram a oportunidade de ir ao Oriente e de lá trouxeram a medicina alternativa, a acupuntura e, é claro, o *Yoga*. Mas os primeiros instrutores, não só os de Florianópolis, como do Brasil de modo geral, aparentemente não tinham envolvimento direto com o movimento de contracultura que marcou a década de 1970, pelo menos não com o movimento *hippie*. Alguns até, coincidentemente ou não, eram militares, como é o caso de José Hermógenes e Caio Miranda, do Rio de Janeiro, e João Mendes, de Florianópolis. E isso às vésperas da Ditadura Militar, o que poderia até ser tema de uma outra pesquisa.

O ecletismo do MNE esteve mais presente nos primeiros grupos de praticantes e instrutores de *Yoga* através da ideia de cuidado com o corpo, que passa pelas práticas corporais, pela alimentação natural, pelo sincretismo entre várias manifestações de religiosidade e formas de encarar o sagrado, de um estilo de vida, do que mesmo através da radicalidade contestatória dos *hippies*.

Foi possível perceber também que, desde que o *Yoga* foi “descoberto” pelo Ocidente na segunda metade da década de 1960 até nossos dias, ele precisou passar por um certo processo de adaptação para ser amplamente aceito e difundido em meio ao público ocidental, que prioriza um estilo de vida mais dinâmico e voltado ao tecnológico, que valoriza o corpo, razão pela qual essa prática é hoje encontrada em diversos espaços especializados nas suas diversas vertentes, como também em academias de ginástica.

Se a ocidentalização do *Yoga* poderia ou não ter tirado sua essência, essa questão precisa ser relativizada. Se, por um lado, hoje em dia a mídia fez a ioga virar moda e produto para consumo, como uma forma de ginástica e condicionamento físico, destituída de seus

---

<sup>125</sup>NUNES, T. C. L. op. cit., p. 6.

valores filosóficos e espirituais, por outro lado, muitos desses praticantes que chegam em academias com a falsa impressão de que *Yoga* é mais uma dentre tantas formas de “malhação”, logo percebem que essa é uma prática que proporciona uma melhor consciência do corpo, através de um alinhamento postural, de uma respiração mais profunda, abrindo espaço para o autoconhecimento. Ao perceber essas possibilidades, desperta o interesse de conhecer, de praticar com quem possa oferecer outras possibilidades além de *âsanas* e *prânâyâmas*, que se aproximam da tradição, como a meditação, a concentração, o estudo dos textos sagrados, a disciplina. “Pedroca” de Castro salienta “*Yoga* virou moda e moda tem os dois lados, ou seja, moda é passageiro, e, ao mesmo tempo, tem gente que entrou por causa da moda e ficou, porque não pode mais ficar sem”.<sup>126</sup> Para Bragaglia, “não precisa seguir a tradição mesmo como era na base, mas quanto mais você se distanciar dela, mais você perde o princípio de que *Yoga* é aquietar a mente. *Yogas citta-vritti nirodha*, Patanjali. *Yoga* é aquietar os turbilhões da mente, esse é o princípio”.<sup>127</sup>

---

<sup>126</sup>CASTRO, P. L. R. M., op. cit.

<sup>127</sup>BRAGAGLIA, P. op. cit.

## FONTES

ARRUDA, Luiz Philippe Schmidt de. 48 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, agosto de 2011, Centro, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do autor.

BRAGAGLIA, Paula. 40 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, outubro de 2009, Lagoa da Conceição, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

CASTRO, Pedro Luiz do Rego Monteiro de. 54 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, maio de 2011, Praia Mole, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

*Diário Catarinense*, Florianópolis, 21 jul. 1976.

FELIPE, Camila Reitz. 36 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, setembro de 2009, Centro, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

*Ilha 70*. Roteiro e Direção: Marcos Martins e Loli Menezes. Direção de Produção: Renato Turnes. Coordenação do Santa Catarina em Cena: Anselmo Prada. Florianópolis: Vinil Filmes, 2010. (44 min.), son., color. Realização: RBS TV.

LUENEBERG, José Luiz. 55 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, abril de 2010, Sambaqui, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

LUZ, Valter José da. 70 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, abril de 2010, Centro, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

MARENGO, Joris de Oliveira. 54 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, agosto de 2011, Centro, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do autor.

MARTINS, Nildo José. 57 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, novembro de 2009, Ingleses, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

MENEZES, Cláudio de. 54 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, novembro de 2009, Morro da Cruz, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

*Notícias do Dia*, Florianópolis, ano 6, n. 1679, 30 Jul. 2011.

NUNES, Sandra Meyer. 54 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, maio de 2010, Itacorubi, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do autor.

*O Estado*. Florianópolis, 19 out. 1974. Seção Cidade.

\_\_\_\_\_. Florianópolis, 20 out. 1974.

PEDERNEIRAS, Walnélia Corrêa. 61 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, agosto de 2011, Centro, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do autor.

RODRIGUES, Marilde. 84 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, novembro de 2011, Centro, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do autor.

WOLTER, Elaine. 63 anos. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*, maio de 2010, Campeche, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

## BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. Estopins de uma década explosiva. Radicalização dos movimentos jovens. In: \_\_\_\_\_. *Movimentos culturais de juventude*. São Paulo: Moderna, 1994.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

D'ANDREA, Anthony Albert Fischer. *O self perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiões pós-tradicionais*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

DACOSTA, Lamartini P. (Org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. Disponível em <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/133.pdf>>. Acesso em 05.11.2011.

DEROSE, André. *Sevânanda Swâmi*. Disponível em <<http://www.yogapequenaindia.com/news/voc%C3%AA%20sabe%20quem%20trouxe%20o%20yoga%20para%20o%20brasil-/>>. Acesso em 11/08/2011.

DEROSE, L.S.A. *O que é o Método DeRose*. São Paulo: DeRose Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. *Yôga a sério*. São Paulo: DeRose Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. *Tratado de Yôga (Yôga Shâstra)*. São Paulo: DeRose Editora, 2007. Disponível em <[http://books.google.com.br/books?id=wxWwXtZeAhgC&pg=PA910&hl=pt-BR&source=gbp\\_selected\\_pages&cad=3#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=wxWwXtZeAhgC&pg=PA910&hl=pt-BR&source=gbp_selected_pages&cad=3#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 05.11.2011.

FEUERSTEIN, Georg. *Uma visão profunda do Yoga: teoria e prática*. São Paulo: Pensamento, 2005.

\_\_\_\_\_. *A tradição do Yoga: história, literatura, filosofia e prática*. São Paulo: Pensamento, 2006.

FUNDAÇÃO IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico: Rio Grande do Sul*. [Rio de Janeiro]: IBGE, 1970. p. 545, v. I, tomo XXI.

\_\_\_\_\_. *Censo Demográfico: Paraná*. [Rio de Janeiro]: IBGE, 1970. p. 449, v. I, tomo XIX.

\_\_\_\_\_. *Censo Demográfico: Santa Catarina*. [Rio de Janeiro]: IBGE, 1970. p. 349, v. I, tomo XX.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNIESP, 1991.

KUPFER, Pedro. *História do yoga*. Florianópolis: Ed. Dharma, 2000.

\_\_\_\_\_. *Coincidência, superstição e causalidade*. Jul. 2009. Disponível em <<http://www.yoga.pro.br/autor/7/0/pedro-kupfer/7/>>. Acesso em 20.08.2009.

LIMA, Jeferson. *Turma do kiosk revolucionou costumes*. Disponível em <<http://www1.an.com.br/ancapital/2000/nov/19/1ult.htm>>. Acesso em 17/11/2011.

MACHADO, Ricardo. Floripa sempre foi uma grande festa. *Notícias do Dia Online*. Florianópolis, Ago. 2000. Disponível em <<http://www.ndonline.com.br/florianopolis/colunas/materia/slug/floripa-sempre-foi-uma-grande-festa>>. Acesso em 08.09.2011.

MAGNANI, José Guilherme. *O Brasil na Nova Era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

MONNEYRON, Frédéric; XIBERRAS, Martine. *Le monde hippie*. De l'imaginaire psychédélique à la révolution informatique. Paris: Imago, 2008.

MONTEIRO, Karla. Respira fundo. *Revista Trip*. São Paulo: Ed. Trip, n. 152, Fev. 2007. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/56004448/Entrevista-Hermogenes-Revista-Trip>>. Acesso em 12.10.2011.

NUNES, Tales da Costa L. *Yoga: do corpo, a consciência; do corpo à consciência*. O significado da experiência corporal em praticantes de yoga. 2008. 166p. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PEREIRA, Carlos Alberto M. *O que é contracultura*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PEREIRA, Cilene; TARANTINO, Mônica. Todo o poder da ioga. *Isto É Independente*. Edição nº 2169, Jun. 2011. Disponível em <[http://www.istoe.com.br/reportagens/140391\\_TODO+O+PODER+DA+IOGA](http://www.istoe.com.br/reportagens/140391_TODO+O+PODER+DA+IOGA)>. Acesso em 10.06.2011.

PEREIRA, Léo Fernandes. *A ocidentalização do Yoga: o perfil dos centros de Yoga de Florianópolis*. 2008. 67p. Trabalho de Conclusão de Curso para habilitação de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Ed. Artes Médicas, 2008.

SALOMONE, Roberta. Todo mundo quer fazer yoga. *Veja*. Edição nº 1829, Nov. 2003, p. 82-87. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em 16.10.2011.

SELO DE PASHUPATI. Altura: 283 pixels. Largura: 280 pixels. 96 dpi. 24 bit. 22,3 Kb Formato JPEG. Disponível em <<http://claudiocrow.com.br/almacelta-mitol-galia.htm>>. Acesso em 11/09/2011.

TARDAN-MASQUELIER, Ysé. *La Réinvention du yoga par l'occident*. Tradução Mauren Pavão Przybylski. Paris: Études, 2002/1, Tome 396, p. 39-50. Disponível em: <<http://www.cairn.info/article.php>>. Acesso em 13/06/2008.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Tradução de Antônio José da Silva Moreira. Lisboa: Edições 70, 1987.



## GLOSSÁRIO

**Ahimsâ** (“não-ferir”). A prática de abster-se de atos, pensamentos e palavras danosos e nocivos. É uma disciplina moral (*yama*) importante no *Yoga*, no Budismo e no Jainismo.

**American way of life.** Estilo de vida americano.

**Âranyaka** (“que tem relação com a floresta”). Um tipo antigo de texto ritual usado pelos ascetas que residiam nas florestas.

**Âsana** (“assento, postura”). (I) O assento sobre o qual repousa o *yogin* ou a *yoginî*. (II) A postura, que é o terceiro membro (*anga*) do *Yoga* óctuplo de Patanjali.

**Atharva-Veda** (“Conhecimento Sagrado de Atharvan”). Uma das quatro coletâneas (*samhitâ*) de hinos védicos, que trata principalmente de encantamentos mágicos mas contém também diversos documentos importantes do *Yoga* dos tempos antigos.

**Bhagavad-Gitâ** (“cântico do senhor”). O mais antigo e o mais popular de todos os textos do *Yoga*, que contém os ensinamentos transmitidos a Arjuna pelo Senhor Krishna.

**Beatnik.** Movimento da geração estadunidense da década de 1950, que contestava os valores, padrões e modo de vida da sociedade materialista e afluyente daquele país.

**Brâhmana** (I) Um membro da casta sacerdotal da sociedade hindu, um brâmane. (II) Um tipo de texto ritual que explica os hinos dos *Vedas* na medida em que têm relação com o ritualismo sacrificial dos brâmanes.

**Brahman.** Segundo o Vêdanta, o Absoluto; o fundamento transcendente da existência, distinto de Brahma, o Criador.

**Darshana** (“visão”). (I) A visão externa ou interna. (II) O ato de ver um adepto realizado, considerado proveitoso. (III) Um sistema filosófico ou doutrinal, escola de pensamento. O Hinduísmo reconhece seis pontos de vista clássicos: o *Yoga*, o *Sâmkhya*, o *Mîmâmsâ*, o *Vedânta*, o *Nyâya* e o *Vaisheshika*.

**Dhâranâ** (“suportação”). A concentração, o sexto membro (*anga*) do *Yoga* óctuplo de Patanjali, que consiste na fixação prolongada da atenção num único objeto mental e leva à meditação (*dhyâna*).

**Establishment.** Poder estabelecido.

**Ganesha.** Divindade com cabeça de elefante e montando um rato, Ganesha é indiscutivelmente o mais popular dos deuses hindus, e um dos mnemônicos comum para qualquer coisa associada com o hinduísmo. Filho de Shiva e Parvati, Ganesha é representado com um tronco com curvas e orelhas grandes, e uma enorme barriga e corpo de ser humano. Ele é o senhor do sucesso e destruidor dos males e obstáculos. Ele também é reverenciado como o deus do conhecimento, sabedoria e riqueza.

**Highway.** Rodovia.

**Hipster.** Subcultura marginal estadunidense dos anos 1950, boêmia, inter-racial, niilista, que comumente se reunia em clubes de jazz para mergulhar no bebop.

**Hippie.** O diminutivo de hipster. Passou a designar toda a cultura alternativa a partir da segunda metade da década de 1960.

**Hatha-Yoga** (“Yoga forte” ou “Yoga da força”). O *Yoga* da disciplina física que almeja ao despertar da serpente (*kundalinî-shakti*) e à criação de um corpo divino e indestrutível (*divya-deha*).

**Mahâbhârata.** Uma das duas grandes epopéias nacionais da Índia, que conta a grande guerra ocorrida entre os Kauravas e os Pândavas (o partido de Arjuna). A epopeia contém muitos trechos doutriniais, entre os quais o *Bhagavad-Gitâ* e o *Moksha-Dharma*.

**Moksha** (“libertação”). Segundo a ética hindu, o mais elevado dos quatro objetivos humanos possíveis (*purusha-artha*). Equivale à realização do Si Mesmo.

**Nirvâna** (“extinção”). No Budismo, a transcendência do eu egóico. Às vezes, esse estado é descrito de forma positiva como a conquista de uma Realidade intocada pelo espaço e pelo tempo. Nos contextos hindus, o termo é usado na maioria das vezes como sinônimo de libertação (*moksha*).

**Niyama** (“autodomínio”). O segundo membro do *Yoga* óctuplo de Patanjali, que consiste na prática de pureza, do contentamento, da penitência (*tapas*), do estudo (*svâdhyâya*) e da devoção ao Senhor (*îshvara-pranidhâna*).

**Outsider.** Aquele que não se enquadra, que não faz questão de pertencer a nenhuma turma. À margem do sistema.

**Paramparâ** (“de um para o outro”). Linhagem de mestres.

**Pashupati** (“senhor dos animais”). Nome de Shiva como senhor de todas as criaturas.

**Prânâyâma** (“controle da respiração”). A cuidadosa ordenação (ou expansão, *âyâma*) da respiração, que é o quarto membro do *Yoga* óctuplo de Patanjali.

**Pratyahâra** (“recolhimento”). A inibição ou recolhimento dos sentidos, quinto membro do *Yoga* óctuplo de Patanjali.

**Purâna** (“[história] antiga”). Uma espécie de enciclopédia popular semi-religiosa que trata de cosmologia, teologia e especialmente da história dos reis e dos sábios.

**Purusha** (“homem”). Nas tradições do *Yoga* e do *Sâmkhya*, o Si Mesmo transcendente, o Espírito, a Consaciência (*cit*), na medida em que se distingue da individualidade finita (*jîva*).

**Râja-Yoga** (“Yoga real”). Designação tardia do *Yoga* óctuplo de Patanjali, inventada para contrapor-lo ao *Hatha-Yoga*.

**Rig-Veda** (“conhecimento sagrado do louvor”). O hinário védico mais antigo, a escritura mais sagrada dos hindus.

**Sadhu** (“bom”). Um asceta virtuoso.

**Sâma-Veda** (“conhecimento sagrado dos cantos”). O hinário védico que contém os cânticos (*sâman*) usados nos rituais do fogo.

**Samâdhi** (“êxtase”). O oitavo membro do *Yoga* óctuplo de Patanjali. Consiste na identificação temporária entre sujeito e objeto e tem duas formas principais: êxtase consciente (*samprajnâta-samâdhi*), que inclui uma variedade de pensamentos que surgem espontaneamente, o êxtase supraconsciente (*asamprajnâta-samâdhi*), no qual não há ideação nenhuma.

**Samnyâsa** (“renúncia”). A prática de voltar a atenção para longe das coisas mundanas e direcioná-las para Deus, geralmente acompanhada pelo ato exterior de abandonar a vida convencional. Também é possível, porém, uma renúncia puramente interior.

**Samnyâsin** (“o que renuncia”). A pessoa que pratica *samnyâsa*.

**Shiva** (“benigno”). A divindade que, mais que qualquer outra do panteão hindu, serviu de modelo aos *yogins* no decorrer das eras.

**Status quo**. Posição social.

**Time is money**. Tempo é dinheiro.

**Upanishad** (“sentar-se perto”). Tipo de texto sagrado esotérico hindu que expõe a metafísica do não-dualismo (Advaita Vedânta); esses textos são considerados a última fase da revelação (*shruti*) védica.

**Veda** (conhecimento, ciência [sagrada]). O conjunto dos conhecimentos sagrados contidos nos quatro hinários védicos que constituem a própria fonte original do Hinduísmo: *Rig-Veda*, *Yajur-Veda*, *Sâma-Veda* e *Atharva-Veda*; o nome coletivo desses hinários.

**Vishnu** (“o que penetra todas as coisas”). A divindade adorada pelos vaishnavas e bhâgavatas, cujas duas encarnações (*avâtara*) mais famosas foram Râma e Krishna.

**Yama** (“disciplina”). (I) O deus da morte. (II) O primeiro membro do *Yoga* óctuplo de Patanjali, que compreende cinco preceitos morais de validade universal.

**Yoga** (“união”). (I) A prática espiritual ou mística em geral. (II) Uma das seis escolas clássicas do pensamento hindu, formulada por Patanjali em seu *Yoga-Sûtra*.

**Yoga-Sûtra** (“aforismo do Yoga”). O texto fundamental do Yoga Clássico, compilado por Patanjali.

**Yogin**. Um praticante de *Yoga*.